



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

PRICILA CERVINSKI

**RESPEITAR E ACOLHER NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
OS BEBÊS E SEUS DIREITOS**

Erechim/RS
2024

PRICILA CERVINSKI

RESPEITAR E ACOLHER NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS BEBÊS E SEUS DIREITOS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim/RS.

Orientadora: Prof. Dra. Flávia Burdzinski de Souza

Erechim/RS
2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cervinski, Pricila

Respeitar e acolher na Educação Infantil:: os bebês e seus direitos. / Pricila Cervinski. -- 2024.
74 f.

Orientadora: Doutora em Educação Flávia Burdzinski de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Erechim,RS, 2024.

1. Educação Infantil. 2. Direitos das Crianças. 3. Direitos das crianças. 4. Bebês. I. Souza, Flávia Burdzinski de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

PRICILA CERVINSKI

RESPEITAR E ACOLHER NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS BEBÊS E SEUS DIREITOS

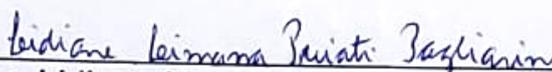
Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada no Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca em 26 de junho de 2024.

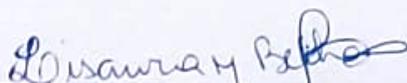
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Flávia Burdzinski de Souza - UFFS/Erechim
Orientadora



Prof.^a Dra. Lidiane Limana Puiati Pagliarin - UFFS/Erechim
Avaliadora



Prof.^a Dra. Lisaura Maria Beltrame – UFFS/Chapecó
Avaliadora

Dedico este trabalho às futuras gerações, para que sejam reconhecidas como dignas de acolhimento, de respeito e valorização aos seus direitos durante sua jornada diária na Educação Infantil.

AGRADECIMENTO

Ao concluir esta jornada, quero agradecer a todos que me ajudaram durante o tempo de escrita deste trabalho. Ao entrar na Pedagogia consegui concretizar o sonho de ser professora, vivenciando cada momento na prática, enfrentei obstáculos que me fizeram confrontar o medo do fracasso, mas também experimentei a grande alegria das conquistas, especialmente aquelas relacionadas ao desenvolvimento das crianças, que me inspiram muito. Na minha trajetória pela Pedagogia, desenvolvi um profundo interesse pela Educação Infantil. Encontrei meu propósito neste campo e adoro trabalhar com crianças e com bebês. Cada dia é uma nova aventura repleta de aprendizado mútuo. Mais que isso, ao entrar no universo das crianças encontrei uma intensidade jamais sentida, revivi os meus medos e traumas infantis, então consegui me superar. Foi um processo difícil, mas transformador. Ao lidar com esses obstáculos, senti um desejo constante de melhorar, de me conhecer melhor, por isso essas crianças merecem meu sincero e profundo agradecimento, por me guiarem em uma jornada de autocura e desenvolvimento, com seu desejo sincero de viver cada momento intensamente. Obrigada por serem inspiração para a escrita desse trabalho, gratidão por constituírem a pessoa que sou hoje como profissional.

Gostaria também de expressar minha gratidão a uma pessoa que foi uma inspiração constante em minha trajetória: minha orientadora, a professora Flávia. Embora não tenhamos tido muito contato antes do TCC, sempre a enxerguei como um exemplo de Pedagoga, alguém que luta incansavelmente pelos direitos das crianças. Suas palavras e posicionamentos sempre me encantaram e serviram como guia em minha jornada. Obrigada, professora Flávia, por ter aceitado o meu convite para orientar este trabalho. Sua paciência e dedicação em me orientar foram fundamentais para o desenvolvimento. Mais do que isso, você instigou minha busca por novas possibilidades, desafiando-me a ir além do óbvio e a explorar novos horizontes na área da Educação Infantil.

Aqui, expresso também minha gratidão profunda à minha família, que é um pilar forte e constante em minha jornada. Mãe, Pai, Ana e João, cada um de vocês dedicou tempo e atenção a mim, sempre me oferecendo incentivo e força nos momentos mais desafiadores. Agradeço por serem a minha base e fortaleza. Cada aconselhamento, cada demonstração de carinho e apoio moldou minha trajetória e

ajudou a superar os obstáculos. Este trabalho é para vocês, pois é graças ao amor e à dedicação de vocês que consegui chegar até aqui. Que possamos continuar a compartilhar alegrias e vitórias que estão por vir.

Quero também, expressar minha gratidão às minhas amigadas, obrigada por serem luz em minha vida e por me apoiarem durante os momentos desafiadores da minha jornada acadêmica. Quero concluir os agradecimentos expressando a gratidão mais profunda a Jesus, meu Pai Celestial, e a Nossa Senhora, minha Mãezinha do Céu. Nos momentos em que enfrentei maiores dificuldades, onde a incerteza e o desespero tomavam conta de mim, vocês foram fortaleza e rocha segura obrigada por acalmarem meu coração, por trazerem graças a minha vida e pelo infinito amor que não se acaba.

ACOLHER NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Acolher a primeira vez da criança na escola. Acolher a primeira vez das famílias da escola. Acolher as primeiras vezes.
Acolher o choro de medo. O choro de saudade. Acolher o choro de birra.
Acolher o choro de fome. Acolher o choro de sono. Acolher o choro da despedida. Acolher o choro da emoção do reencontro.

Acolher o não saber compartilhar os brinquedos, a atenção e os espaços.
Acolher enquanto troca a fralda e na hora do banho. Acolher enquanto alimenta. Acolher as descobertas, as conquistas. Acolher as frustrações.
Acolher as ansiedades das famílias. Acolher a euforia, acolher a timidez.
Acolher os joelhos ralados.

Acolher a curiosidade. Acolher as expectativas das famílias. Acolher os saberes das crianças. Acolher os professores, os seus não saberes! Acolher o inédito, o inesperado e o imprevisto. Acolher tudo o que está por vir.
Acolher as diferenças, os tempos e os ritmos de cada um.
Acolher os passos apressados, os pulos nos degraus da escola.

Acolher o desejo das crianças quererem fazer as coisas sozinhas. Acolher a criança que chega carregando a roupa da mãe para respirar o seu cheiro. Acolher a mãe que está aprendendo a ser mãe de uma criança que vai para a escola.
Acolher os sonhos, todos os sonhos. Os sonhos que as famílias sonham para os seus filhos.

Os sonhos das crianças do que é viver. Os seus sonhos professores do que é educar. E por tudo isso, por acolher, por ser acolhido, acolhida.

A escola é lugar sagrado dos acolhimentos

Tais Romero
@pedagogia_subjetividade

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre o respeito e acolhimento aos direitos dos bebês na Educação Infantil e como estas ações se revelam no cotidiano das instituições¹ educacionais. Buscamos identificar por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com uso dos procedimentos da pesquisa bibliográfica e documental, princípios e práticas para o acolhimento desenvolvidas nas ações cotidianas da creche a partir de documentações e registros pedagógicos de três bebês, na faixa etária de 3 meses a 1 ano, que frequentavam em turno integral uma instituição de Educação Infantil conveniada com o município de Erechim/RS. O objetivo deste estudo foi investigar como a ação pedagógica na Educação Infantil demonstra respeito e acolhimento aos bebês e seus direitos, conceituando criança, Educação Infantil, acolhimento e direitos das crianças. A análise dos dados produzidos, teve como base a perspectiva da Análise Textual Discursiva, criando três categorias de discussão: o inserimento dos bebês nas instituições, o cotidiano da Educação Infantil e o atendimento às necessidades de saúde e bem-estar dos bebês, como o sono e a alimentação. Os resultados revelam que o acolhimento, quando concebido como um método de trabalho, ocorre durante todo o ano letivo e toda a jornada diária das crianças na instituição. Desse modo, é crucial garantir o reconhecimento do acolhimento como um direito fundamental da criança, organizando espaços, tempos e materiais que possam atender as necessidades dos bebês em suas primeiras experiências nas instituições de Educação Infantil.

Palavras-chave: Acolhimento. Educação Infantil. Direitos das crianças. Bebês.

¹ Nesse trabalho de conclusão de curso, optamos por utilizar o termo instituição ao invés de escola, em vista que essa palavra recebe uma conotação bastante escolarizante aos bebês.

ABSTRACT

This paper presents a study on respect and welcoming of infants' rights in Early Childhood Education and how these actions manifest in daily practices within educational institutions. We aimed to identify, through a qualitative approach using bibliographical and documentary research procedures, principles and practices for welcoming implemented in daily actions at a daycare center. We focused on documentation and pedagogical records of three infants aged 3 months to 1 year attending full-time at an Early Childhood Education institution affiliated with the municipality of Erechim/RS, Brazil. The objective of this study was to investigate how pedagogical actions in Early Childhood Education demonstrate respect and welcoming towards infants and their rights, defining concepts such as child, Early Childhood Education, welcoming, and children's rights. Data analysis was conducted using Textual Discursive Analysis, resulting in three discussion categories: infants' integration into institutions, daily life in Early Childhood Education, and meeting infants' health and well-being needs, including sleep and nutrition. The findings reveal that welcoming, when conceived as a methodological approach, occurs throughout the academic year and every day of the children's journey in the institution. Therefore, it is crucial to ensure that welcoming is recognized as a fundamental right of the child, organizing spaces, time, and materials that can meet the infants' needs in their initial experiences in Early Childhood Education institutions

Keywords: Support. Early Childhood Education. Children's rights. Infants.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|---|----|
| Imagem 1: Print de tela do portfólio digital da Clara: “meus primeiros dias na escola”. | 40 |
| Imagem 2: Print de tela do portfólio digital do Miguel: “Dia da família na escola” | 40 |
| Imagem 3: Print de tela do portfólio digital do Augusto: “Meus primeiros dias na escola” | 41 |
| Imagem 4: Print de tela do portfólio digital da Clara: descobrindo o próprio corpo... | 44 |
| Imagem 5: Print de tela do portfólio digital do Augusto: descobrindo o próprio corpo. | 45 |
| Imagem 6: Print de tela do portfólio digital da Clara: descobrindo os objetos | 46 |
| Imagem 7: Print de tela do portfólio digital do Augusto: construindo o próprio movimento | 47 |
| Imagem 8: Print de tela do portfólio digital do Augusto: “momentos de uma tarde no berçário” | 47 |
| Imagem 9: Print de tela do portfólio digital do Miguel: o investigador | 49 |
| Imagem 10: Print de tela do portfólio digital do Miguel: “Exploração de madeiras” | 49 |
| Imagem 11: Print de tela do portfólio digital do Clara: Cesta dos Tesouros | 50 |
| Imagem 12: Print de tela do portfólio digital do Augusto: Explorações | 50 |
| Imagem 13: Print de tela do portfólio digital do Miguel: “Relações que se constroem no cotidiano” | 51 |
| Imagem 16: Print de tela do portfólio digital do Augusto: “Introdução alimentar” | 53 |
| Imagem 14: Print de tela do portfólio digital do Augusto: “momento de descanso” | 54 |
| Imagem 15: Print de tela do portfólio digital da Clara: “Momentos de uma tarde no berçário” | 55 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------|--|
| ATD | Análise Textual Discursiva |
| BDTD | Biblioteca Digital de Teses e Dissertações |
| BNCCEI | Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil |
| CNE | Conselho Nacional da Educação |
| DCNEI | Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil |
| DNCr | Departamento Nacional da Criança |
| DOTMEEI | Documento Orientador do Território Municipal de Erechim para a Educação Infantil |
| ECA | Estatuto da Criança e do Adolescente |
| LDBEN | Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| ONU | Organização das Nações Humanas |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 CAMINHOS METODOLÓGICOS..... | 17 |
| 2 OS DIREITOS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 23 |
| 3 PRINCÍPIOS E PRÁTICAS PARA O ACOLHIMENTO DOS/COM OS BEBÊS..... | 35 |
| 3.1 “Acolher as primeiras vezes”: o que revelam as documentações de um Berçário sobre o inserimento das crianças na instituição escolar?..... | 43 |
| 3.2 O acolhimento dos bebês como um método de trabalho: o cotidiano em cena. 47 | |
| 3.3 Acolher as necessidades fisiológicas: o sono e a alimentação dos bebês.... | 57 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 62 |
| REFERÊNCIAS..... | 67 |
| APÊNDICES..... | 72 |

INTRODUÇÃO

O acesso à Educação Infantil de qualidade é um direito das crianças, assegurado em legislação desde a Constituição Federal de 1988, a qual garante em seu artigo 7, o acesso a “[...] assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em creches e pré-escolas” (Brasil, 1988). Posterior a essa garantia, a Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), passou a assegurar em seu artigo 4º: “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: [...] II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade” (Brasil, 1996, s.p.).

Assim, no decorrer das últimas décadas, as crianças, concebidas como sujeitos de direitos, passaram a exigir dos profissionais da área da educação, um aprofundamento das pesquisas sobre o tema, uma vez que o número de instituições e de solicitação de vagas tem sido cada vez mais amplo. Consoantemente, com isso, “A noção de experiência educativa que percorre as creches e pré-escolas têm variado bastante [...]” (Craidy; Kaercher, 2003, p. 16), pois têm sido construídas com propostas pedagógicas diferentes, algumas de maneira mais ética e respeitosa e outras com propostas educativas para “[...] educar para a submissão, o disciplinamento, o silêncio, a obediência” (Craidy; Kaercher, 2003, p. 16), infringindo assim o artigo 227, da Constituição Federal:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988, s.p.).

Ao trabalhar e conviver com crianças em instituições de Educação Infantil, percebo que alguns profissionais da educação apresentam um comportamento um tanto cruel com as crianças, comportamento esse que afeta a auto-estima e expõem as crianças a situações constrangedoras na tentativa de que as mesmas os obedeçam, conforme afirmam Craidy e Kaercher (2003). Além do mais, no decorrer do curso de Licenciatura em Pedagogia, observei e escutei relatos de algumas práticas docentes que desconsideram as emoções, os desejos e as características dos bebês e conseqüentemente infringem seus direitos como cidadãos:

É como se para os que não falam e não andam, ou estão iniciando essas aquisições, bastasse serem alimentados, cuidados e higienizados sem atenção direta, sem acolhimento, sem afeto, ou apenas como seres frágeis e indefesos que precisam ser cuidados e acariciados. Essas práticas, que ainda são muito comuns nas instituições, mostram que os adultos não vêem no bebê um Outro, um sujeito protagonista de suas aprendizagens, com iniciativas, interesses e sentimentos (Loss; Souza; Vargas, 2019, p. 80).

Nesse mesmo sentido, Craidy e Kaercher (2003, p. 21) alertam que “[...] a experiência da educação infantil precisa ser muito mais qualificada. Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade [...]”. Pensando sobre esse assunto, percebemos a necessidade de investigar no nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) as ações docentes que respeitem as crianças e seus direitos, tendo como temática o acolhimento e o respeito aos direitos dos bebês na Educação Infantil, investigando a problemática: De que maneira a ação pedagógica com os bebês na Educação Infantil demonstra respeito e acolhimento aos seus direitos?

Apesar de saber que ainda temos muito a avançar, atuando na área pude observar práticas docentes que realmente respeitam as crianças e seus direitos, pois convivo com professoras² que se preocupam com os sentimentos, as necessidades de cada criança, a sua inserção na vida cotidiana da instituição de Educação Infantil, com respeito e zelo pelo bem-estar infantil, como por exemplo, pedir licença ao tocar a criança para trocar a sua fralda ou para limpar o nariz, avisando com antecedência as ações que serão realizadas, respeitando e escutando seus desejos etc.

Logo, pela observação dos aspectos apresentados, vale salientar que de acordo com Staccioli (2013, p. 25): “O acolhimento não diz respeito apenas aos primeiros momentos da manhã ou aos primeiros dias do ano escolar. O acolhimento é um método de trabalho complexo, um modo de ser do adulto, uma ideia chave no processo educativo”. Por isso, ao longo do seguinte trabalho, buscamos abordar as “dimensões do acolhimento” (Staccioli, 2013, p. 25) dando ênfase às ações pedagógicas que respeitam e valorizam os bebês como sujeitos de direitos.

Sendo assim e considerando que o respeito e o acolhimento dos bebês na Educação Infantil é muito importante, o seguinte Trabalho de Conclusão de Curso

² Nesse trabalho de conclusão de curso, optamos por usar o termo no feminino, tendo em vista que o trabalho da docência na Educação Infantil é feito, quase que na totalidade, por mulheres.

tem como objetivos específicos: Conceituar criança, Educação Infantil, acolhimento e direitos, a partir do estudo de aspectos históricos e de documentos legais; Identificar, por meio de pesquisa bibliográfica, princípios e práticas para o acolhimento dos bebês na Educação Infantil; Reconhecer ações cotidianas de acolhimento com os bebês na Educação Infantil, a partir de documentos de registros pedagógicos.

Tendo em vista que é de extrema importância uma metodologia coerente e específica para desenvolver esses objetivos, utilizamos a pesquisa de abordagem qualitativa, na qual realizamos uma pesquisa bibliográfica e também documental. Dessa maneira, o capítulo 2 teve por objetivo conceituar: criança, Educação Infantil, acolhimento e direitos; a partir do estudo de aspectos históricos e de documentos legais, referenciando e abordando assim, a importância de reconhecer a criança como ser com voz e capacidade de descobrir o mundo por si só. Após buscarmos por documentos legais que abordassem e que reconhecessem a criança como ser de direitos, elaboramos a discussão do capítulo 3, com os princípios e as práticas pedagógicas para o acolhimento dos bebês na Educação Infantil a partir de autores e autoras que referenciam o acolhimento como direito da criança.

Na nossa pesquisa bibliográfica sobre o tema, utilizamos como base nas discussões alguns autores de referência, tais como: Bardin (1977), Becchi; Bondioli; Ferrari; Garibaldi (2012); Craidy; Kaercher (2003), Franco (2021), Ferrari; Gariboldi (2012), Kuhlmann Jr. (2000), Loss; Souza; Vargas (2019), Martins Filho (2016), Redin; Gomes; Fochi (2013) e Staccioli (2013). Além desses autores, para a nossa pesquisa documental, utilizamos alguns documentos e legislações federais com o objetivo de investigar e compreender sobre o assunto abordado, como: o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009a) e a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (Brasil, 2018).

Como documentos de pesquisa, também utilizamos os portfólios digitais de três bebês de uma turma de berçário I. Os bebês Augusto, Clara e Miguel, participantes da nossa pesquisa, tiveram a autorização de suas famílias por meio da assinatura do Termo de Consentimento Informado. E a professora que produziu essas documentações também realizou a assinatura do Termo, visto que sua imagem e produções aparecem como conteúdo desta pesquisa.

Assim, além de tais documentos trazerem uma relação de compreensão do ambiente pedagógico no cotidiano da instituição de Educação Infantil, também revelam a intencionalidade do educar e do cuidar da professora, enfatizando as relações que emergem no cotidiano com os bebês e que fazem o acolhimento acontecer (ou não).

Ao analisarmos esses dados, podemos constatar que o tema do acolhimento é recente nas instituições de Educação Infantil, possuindo poucos estudos na área. Nesse sentido, a prática de acolher vai além do abraço, estando presente no nosso dia a dia com gestos de boas-vindas na chegada à instituição e um ambiente preparado para elas, no qual o acolhimento deve ser garantido como um direito legal, o qual veio de lutas que buscam a centralidade das próprias crianças, o cuidado e a educação, processos indissociáveis e essenciais para a vivência na Educação Infantil. Nesse sentido, a escrita deste trabalho, por ser uma construção coletiva, entre acadêmica e orientadora, entre acadêmica e autores/as, foi construída usando a primeira pessoa do plural.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa no âmbito educacional, com o passar dos anos, passou a ter um novo olhar por parte dos pesquisadores, os quais buscavam novos métodos de investigação para os problemas que surgem no cotidiano (Ludke; André, 1986). Assim como afirma Gatti (2012, p. 32), a respeito de tais pesquisas:

O que observamos no movimento da produção dos trabalhos do campo da educação, nos últimos anos, é o surgimento de novas aproximações problematizadoras, abrindo um leque de temas e investigações, trazidos com um olhar teórico-metodológico que, em parte, recria ou cria novas posturas para a busca e interpretação de dados.

Nessa perspectiva, “[...] foram aparecendo então novas propostas de abordagens, com soluções metodológicas diferentes, na tentativa de superar pelo menos uma das limitações sentidas na pesquisa até então realizada em educação” (Ludke; André, 1986, p. 7). Nessas novas propostas surgiu um grande interesse dos pesquisadores pela metodologia qualitativa, a qual tem por objetivo o ambiente natural como fonte para a obtenção dos dados (Ludke; André, 1986).

De acordo com Minayo (1994) a metodologia é “O caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, ou seja, a metodologia orienta o caminho da investigação, que neste trabalho consiste em uma pesquisa de natureza básica e se configura na forma da abordagem qualitativa e exploratória. Conforme a autora:

A pesquisa qualitativa responde a questões mais particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a cada espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1994, p. 21).

Como primeira etapa para a realização da nossa pesquisa, desenvolvemos a pesquisa bibliográfica, reunindo obras, artigos e autores que estudam os temas abordados neste trabalho. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Andrade (1998, p. 25):

[...] é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões.

Durante a pesquisa bibliográfica realizamos uma busca dos trabalhos de teses e dissertações que já existem sobre o tema estudado, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), por meio da busca de palavras-chave como: “acolhimento dos bebês” e “acolhimento”. Esse levantamento permitiu reconhecer e agrupar as informações obtidas pela busca realizada, alimentando o referencial teórico e a análise dos dados produzidos. Esse levantamento se assemelha ao estado do conhecimento, que de acordo com Morosini e Fernandes (2014, p. 161):

[...] nos dá uma visão do que já foi/ está sendo produzido em relação ao objeto de estudo que selecionamos como tema de pesquisa; disso decorre que é possível construir uma avaliação do grau de relevância e da pertinência do tema inicialmente selecionado situando-o em um campo de produção de conhecimento. Desse movimento, emerge outro que é o acesso e a busca por outros artigos/trabalhos relacionados ao nosso tema, através da consulta às bibliografias daqueles trabalhos selecionados para a construção do estado de conhecimento.

Assim, ao procurar pela palavra “acolhimento” e “acolhimento dos bebês”, dentro do site da BDTD, encontramos 5 trabalhos que poderiam contribuir com a nossa pesquisa, pois haviam semelhanças teóricas ou metodológicas que se assemelham ao nosso TCC. Os mesmos foram organizados no quadro abaixo:

Quadro 1: Trabalhos selecionados para estudo prévio

| N | Tendência analítica | Título | Palavras-chave | Autor/Autora | Ano | Universidade | Metodologia Utilizada | Tipo de Estudo |
|---|---------------------|--|--|---------------------------|------|--|---|----------------|
| 1 | Acolhimento | Bordados e avessos no acolhimento institucional dos bebês: um olhar pikleriano. | Acolhimento Institucional. Bebês. Abordagem Pikler. Direitos Humanos. Marco Legal da Primeira Infância | Karin Calazans Villapouca | 2019 | Universidade de Brasília | qualitativa histórico-cultural | Dissertação |
| 2 | Acolhimento | A sensibilidade sobre o acolhimento: uma proposta interventiva com a criação de rapsódias do cotidiano infantil. | Acolhimento. Centros de Educação infantil. Bebês. Teoria do apego. rapsódias. | Merilis Aparecida Franco | 2021 | Universidade Nove de Julho | Qualitativa por meio de análise de narrativas cotidianas. | Dissertação |
| 3 | Bebês | Uma escola municipal de educação infantil como lugar de experiência, comunicação e relações: contribuições para a construção de uma Pedagogia da Infância. | Pedagogia da infância. Bebês. Crianças pequenas. Experiências. Acolhimento. Comunicação. | Maria cristina Madeira. | 2017 | Universidade Federal de Pelotas. | Qualitativa em uma abordagem interpretativa. | Tese |
| 4 | Acolhimento | A criança em abrigos: a proteção e o cuidado de bebês em acolhimento institucional. | Instituição de Acolhimento. Abrigo. Bebê. Criança pequena. Proteção. | Mariana Paro Lima | 2019 | Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. | Qualitativa por meio de observação e pesquisa bibliográfica | Tese |
| 5 | Bebê | Ética e estética do cuidado nos primórdios | Estética do cuidado. Primeiríssima Infância. Relação educadora-bebê. | Solange Frid | 2019 | Fundação Oswaldo Cruz | Qualitativa e análise de dados coletados. | tese |

| | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| | | s da vida: reinventando a prática cotidiana com bebês numa unidade de acolhimento. | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A partir desses resultados, e da leitura dos resumos dos trabalhos, optamos por utilizar como fonte de referência e pesquisa os trabalhos 1 e 2; pois eles se assemelham ao objetivo da nossa pesquisa e contribuem com o processo de teorização do mesmo.

Após a obtenção e exploração destes resultados, partimos para a análise documental, a qual “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementos as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos chaves de um tema ou problema” (Ludke; André, 1986, p.38). Segundo Fávero e Centenaro (2019) para a pesquisa documental podem ser utilizados diferentes tipos de documentos para a obtenção de dados necessários à pesquisa. Igualmente, Phillips (1974, p.187) afirma que documentos são “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano.”

Para realizar tal análise, dois momentos foram necessários. Primeiramente, realizamos uma pesquisa nos documentos e legislações federais, que abordam os direitos das crianças, como: o Estatuto da Criança e Adolescente (Brasil, 1990), a Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009a) e a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (Brasil, 2018);

No segundo momento da pesquisa documental, foram analisados três documentos de "Portfólio digital" produzidos no ano de 2022, dos bebês Augusto, Clara e Miguel, que frequentavam a turma de berçário I (3 meses a 1 ano de idade), de uma instituição de Educação Infantil, conveniada, do município de Erechim/RS. Os portfólios têm a função de registrar a trajetória de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, constituindo um dos instrumentos avaliativos que podemos usar na etapa.

A escolha pelos portfólios das crianças desta turma, se deu após realizar um trabalho conjunto com a professora Josieli Wall, regente da turma dos bebês da pesquisa, no ano em que atuei como sua auxiliar de turma. Durante o ano, observei que a mesma se dedicou ao trabalho de acolher e respeitar cada uma das crianças, tanto nas necessidades coletivas quanto individuais. Então, entrando em contato com a professora, a mesma aceitou disponibilizar as documentações que ela havia produzido no ano anterior, sem saber que seria algo de pesquisa. Após seu aceite, foi solicitado a assinatura de um termo de uso de imagem, nome e texto, conforme modelo disponibilizado no anexo neste trabalho.

As documentações dos portfólios digitais foram usadas porque entendemos que conseguem expor parte significativa do percurso de desenvolvimento das crianças em uma instituição de Educação Infantil. Conforme afirma Monica Ferrari (2012) as documentações constituem aspectos da história e do percurso desenvolvido na creche, pois constituem

[...] uma memória histórica que permite refletir sobre o sentido daquilo que se fez, que se está fazendo e sobre as perspectivas futuras. Uma memória que está em todas as partes do projeto educativo da creche, que configura a sua identidade e que recupera os objetivos a serem realizados.

Assim, em outubro de 2023, contatamos as famílias explicando sobre o interesse da pesquisa e pedindo sua autorização. Ao receber o aceite, os termos de consentimento informado de nome e imagem foram enviados via agenda escolar de cada uma, já que futuramente seriam citadas no decorrer do trabalho. Todos foram assinados e autorizados, conforme modelo em anexo.

Sabendo que a pesquisa documental, “[...] é compreendida como um processo que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (Fávero; Centenaro, 2019, p. 172), os portfólios ajudaram a identificar, descrever e referenciar a partir de estudos a importância do acolhimento como um direito no cotidiano da Educação Infantil. Ademais, a escolha por esses documentos se deu pela percepção das ações de respeito e acolhimento ocorridas no dia a dia da professora com os bebês.

Assim, ao escolhermos tais documentos, buscamos primeiramente encontrar situações de acolhimento que ocorreram no cotidiano institucional ao longo do ano de 2022, na turma de Clara, Augusto e Miguel. Dessa maneira, como última etapa

da pesquisa, para realizar a análise dos dados produzidos, optamos por utilizar a Análise Textual Discursiva (ATD) a qual:

[...] é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador (Moraes; Galiuzzi, 2006, p. 118).

As unidades de significado dos textos foram organizadas em três categorias: o inserimento dos bebês na instituição, o cotidiano da Educação Infantil e o atendimento às necessidades de saúde e bem-estar dos bebês, como o sono e a alimentação. Essas categorias nos ajudaram a agrupar os assuntos dos portfólios digitais e discutir com melhor clareza o conceito de acolhimento na Educação Infantil.

Na ATD, nós utilizamos a análise do uso da linguagem expressa no texto juntamente com a compreensão e interpretação a partir do estudo que está sendo realizado (Moraes; Galiuzzi, 2006). Desse modo, Moraes e Galiuzzi (2006, p.118) afirmam que:

A análise textual discursiva tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significados e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos.

Além disso, de acordo com Ludke e André (1986, p. 45) “Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”. Portanto, ao se realizar uma pesquisa educacional, devemos buscar autores e referências de forma consciente e responsável, para assim ser possível trazer resultados condizentes com o problema de pesquisa e abrindo também, novos leques investigativos para o mesmo problema.

2 OS DIREITOS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Muito se discute sobre o direito ao acesso à Educação Infantil pública e de qualidade, porém nem sempre foi (e é) assim. Até por volta da década de 1980, o acesso à educação era somente garantido a uma parcela da sociedade, geralmente as economicamente de classe alta (Brasil, 2009b). Então, para compreendermos a criança como ser de direitos e que merece o respeito, precisamos entender a história e compreender o avanço da Educação Infantil como um direito de todas as crianças. Para isso, conhecer os documentos legais e autores que relatam essa evolução histórica no Brasil é de suma importância.

A partir de nossas leituras sobre o tema, percebemos que a história da Educação Infantil também se liga à história da revolução industrial, uma vez que as famílias de classe baixa, principalmente as mulheres, começaram a lutar por lugares para deixar seus filhos enquanto trabalhavam, a partir da década de 1930 (Kuhlmann Jr., 2000). Igualmente Craidy e Kaercher (2003, p. 14) afirmam que:

[...] as creches e pré-escolas surgiram a partir de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorrem na sociedade: pela incorporação de mulheres à força de trabalho assalariado, na organização das famílias, num novo papel da mulher, numa nova relação entre os sexos [...]

Então, partindo dessa necessidade social, começam a surgir as primeiras instituições para crianças, menores de seis anos em nosso país, mesmo que com recursos e investimentos insuficientes, conforme destaca o autor Kuhlmann Jr:

Em Porto Alegre, na década de 1940 há a criação dos jardins-de-infância, inspirados em Froebel e localizados em praças públicas, para atendimento de crianças de 4 a 6 anos, em meio turno. Em Teresina, capital do Piauí, o primeiro jardim oficial, chamado Lélia Avelino, foi criado em 1933 com os objetivos de proporcionar desenvolvimento artístico da criança de 4 a 6 anos de idade e de “servir de tirocínio às futuras professoras” da Escola Normal Antonino Freire. Para a implantação do jardim-de-infância, algumas professoras foram escolhidas, em 1932, para participar de um Curso de Aperfeiçoamento em Educação Infantil, no Rio de Janeiro (Kuhlmann Jr., 2000, p. 9).

O autor também pontua que mais avanços foram surgindo no país, como por exemplo, em 11 de abril de 1931, por meio do decreto de número 19.850, houve a criação do Conselho Nacional da Educação (CNE): “Art. 1º Fica instituído o Conselho Nacional de Educação, que será o órgão consultivo do ministro da

Educação e Saúde Pública nos assuntos relativos ao ensino” (Brasil, 1931 apud Kuhlmann Jr, 2000, p. 10). Assim, nesse período o Ministério da Educação, era adjunto do Ministério da Saúde. Além do mais, em 1933 no Rio de Janeiro, realizou-se a Conferência Nacional da Proteção à Infância, em que:

Anísio Teixeira enfatizou a importância de a criança pré-escolar ser vista não apenas sob o ângulo da saúde física, pois seu crescimento, seu desenvolvimento e a formação de seus hábitos envolveriam “facetas pedagógicas como habilidades mentais, socialização e importância dos brinquedos (Brites, 1999 apud Kuhlmann Jr., 2000, p. 14).

Em 1940, deu-se a criação da “casa da criança”, ação essa dirigida pelo Departamento Nacional da Criança (DNCr) havendo por objetivo agrupar em um mesmo prédio:

[...] a creche, a escola maternal, o jardim-de-infância, a escola primária, o parque infantil, o posto de puericultura e, possivelmente, um abrigo provisório para menores abandonados, além de um clube agrícola, para o ensino do uso da terra (Kuhlmann Jr., 2000, p. 9).

Proferida em 1959, pela Organização das Nações Unidas (ONU), a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, tem por objetivo assegurar o “Direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade” (ONU, 1959), percebemos dentre os 10 princípios previstos no mesmo documento, especificidades que reconhecem a criança como ser de direitos e que necessitam de cuidado e proteção. Ainda assim, vale destacar que no mesmo documento em análise, no princípio sexto, que a criança necessita de amor e compreensão por parte dos adultos que estão inseridos em seu cotidiano (ONU, 1959).

Ao longo do período militar brasileiro (1964-1985), as entidades governamentais investiram muito pouco nas instituições de Educação Infantil, tendo por objetivo somente a criação de ambientes de baixos custos para o estado, nos quais as mulheres de classes baixas pudessem deixar seus filhos e assim trabalhar para as indústrias da época. Várias reivindicações por direitos foram iniciadas durante o período ditatorial e na década de 70, houve um aumento muito grande da demanda por creches e pré-escolas, ainda dentro do período militar (Carvalho; Ferreira, 2014).

Logo após o final do Regime Militar, foram redigidos novos documentos legais com ênfase na Educação Infantil, estes promulgados na Constituição Federal (CF)

de 1988, garantindo a Educação Infantil pública e de qualidade para crianças de até 6 anos de idade, assegurando, no artigo 206, a igualdade de acesso e permanência, com a “[...] liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (Brasil, 1988). A CF também enfatizou o acesso de forma gratuita com o financiamento dos recursos públicos teriam um valor relativo à proporção do produto interno bruto para o investimento na área educativa (Brasil, 1988).

Assim, como citado na revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), dada pelo Parecer CNE/CEB n. 20/2009:

O atendimento em creches e pré-escolas como um direito social das crianças se concretiza na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação, processo que teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação (Brasil, 2009a, p. 1).

Posteriormente, em 13 de julho de 1990, foi publicado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual teve por objetivo trazer normativas sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, na tentativa de conseguir efetivar o acesso à educação já garantido em Lei anterior, mas que legitima-se a menos da metade dos brasileiros (Brasil, 1990). Seguindo a mesma perspectiva, em 1996, foi publicada a Lei n. 9394/96, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), considerando que as instituições de ensino para crianças menores de 6 anos eram parte do sistema educacional (Kuhlmann, 2000).

Dessa maneira, em 07 de abril de 1999, foi instituído a partir da Resolução CEB n. 1, a primeira versão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), as quais previam os “fundamentos norteadores” para serem seguidos nas instituições de ensino, como “[...] práticas de educação e cuidados, que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível” (Brasil, 1999, p. 1).

Dentre os fundamentos descritos no mesmo documento, destacamos o inciso IV, que reconhece a criança como centro do próprio processo de aprendizagem. Apesar de que tal documento foi revogado pela Resolução CNE/CEB n. 5, de 17 de dezembro de 2009, a premissa da criança como centro do planejamento continua

em voga no âmbito da Educação Infantil, pois o documento atual das DCNEI continuou com esta redação (Brasil, 2009a).

Assim como as DCNEI, novos documentos foram redigidos depois do início do século XXI:

São publicados, nos anos 2000, documentos oficiais que orientam sobre as Diretrizes Operacionais para a Educação Infantil (2000), bem como sobre as Políticas Nacionais de Educação Infantil (2005), os Indicadores de Qualidade para a Educação Infantil (2009) e as novas Diretrizes para a etapa (Redin; Gomes; Fochi, 2013, p. 45).

De tal forma, a Resolução CNE/CEB n. 5/2009, salienta no artigo 2º que:

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil articulam-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares (Brasil, 2009b).

A partir do exposto, percebemos que as DCNEI incorporam e orientam os aspectos-chave para a organização curricular, pedagógica e cotidiana da Educação Infantil visando qualificar o atendimento e estabelecendo ações e elementos para a elaboração do planejamento educativo (Brasil, 2009b).

Em complementação, a revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), dada pelo Parecer CNE/CEB n. 20/2009, aborda muitos aspectos fundamentais para a estruturação do documento, salientando pontos importantes para o embasamento das afirmações ali contidas:

A revisão e atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil é essencial para incorporar os avanços presentes na política, na produção científica e nos movimentos sociais na área. Elas podem se constituir em instrumento estratégico na consolidação do que se entende por uma Educação Infantil de qualidade (Brasil, 2009a, p. 9).

Salientamos ainda que a partir do momento em que as crianças passam a frequentar a Educação Infantil, elas começam a conviver em um espaço coletivo, sendo de extrema importância que nós, professoras, respeitemos o tempo e as especificidades de cada criança (Brasil, 2009a). A partir disso, de acordo com os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, as crianças:

É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerado como tal: constituição física, formas de agir, pensar e sentir. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando em peso e altura. É um ser em desenvolvimento porque essas características estão em permanente transformação (Brasil, 2006, p. 14).

Assim, a criança sendo reconhecida como um ser em pleno desenvolvimento, devemos considerar aspectos importantes para o desenvolvimento da mesma. Dessa maneira, tal premissa está afirmada no art. 4º, da Resolução CNE/CEB n. 5/2009:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constroi sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constroi sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009b, p. 18).

A função da Educação Infantil hoje se constitui com dois aspectos indissociáveis: educar e cuidar. Educar e cuidar é compreender que nós somos responsáveis pelo processo de desenvolvimento dos seres humanos. O cuidado é indissociável do educar, assim como destacado nesse trecho do Parecer CNE/CEB n. 07/2010, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica:

Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do Planeta. Educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena (Brasil, 2010, p.18).

Outrossim, a Educação Infantil é parte da educação básica, na qual ocorre a primeira separação da criança com seus adultos de referência (Brasil, 2009a), “[...] cujas finalidades são desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (Brasil, 2009a, p. 5). Bem como, “Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula

educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo” (Brasil, 2018, p. 36).

Porém, ao decorrer da prática educativa, ainda percebemos que alguns profissionais possuem resistência em reconhecer que o cuidado é sim uma prática inerente ao cotidiano na Educação Infantil, bem como é fundamental adotar que nossa prática se baseia em princípios e dimensões focadas no “[...] desenvolvimento das “qualidades humanas” dos bebês [...]” (Martins Filho; Martins, 2016, p. 29) e ações de “[...] atitudes específicas, presença-presente e a escolha de prioridades ao realizar as ações docentes” (Martins Filho; Martins, 2016, p. 29).

Sob o mesmo ponto de vista, é fundamental garantirmos a segurança, a compreensão, o acolhimento e orientações como forma de desenvolvermos a sensibilidade. Tal que, Craidy e Kaercher (2003) afirmam que na escola da infância as crianças bem pequenas necessitam de atenção, carinho e segurança, além de ser oportunizado vivências as quais lhes proporcione compreender o mundo e as pessoas. Nessa perspectiva, os ambientes propícios para receber as crianças têm a função de ser:

[...] acolhedores, seguros, alegres, instigadores, com adultos bem preparados, organizados para oferecer experiências desafiadoras e aprendizagens adequadas às crianças de cada idade. Assim, cuidar inclui preocupações que vão desde a organização dos horários de funcionamento da creche, compatíveis com a jornada de trabalho dos responsáveis pela criança, passando pela organização do espaço, pela atenção aos materiais que são oferecidos, como brinquedos, pelo respeito às manifestações das crianças (de querer estar sozinha, de ter direito aos seus ritmos, ao seu “jeitão”) até a consideração de que a creche não é um instrumento de controle da família [...] (Craidy; Kaercher, 2003, p. 16).

Salientamos ainda que, o educar se constitui em reconhecer a criança “[...] como sujeitos que vivem um momento em que predominam o sonho, a fantasia, a afetividade, a brincadeira, as manifestações de caráter subjetivo” (Craidy; Kaercher, 2003, p. 17). Bem como, no ambiente da Educação Infantil, educar ainda é confundido com a execução de “escolarização precoce” tradicional ou até mesmo com “práticas que tem por objetivo educar para a submissão, o disciplinamento, o silêncio, a obediência” (Craidy; Kaercher, 2003, p. 16).

Em relação a isso, o documento da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (BNCC/MEC, 2017), afirma que:

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (Brasil, 2018, p. 36).

Assim também, o adulto de referência no cotidiano da Educação Infantil tem papel fundamental em garantir o educar e cuidar ao longo do fazer pedagógico, ampliando as experiências e conhecimentos das crianças nas variadas linguagens (Brasil, 2018). Outro ponto que também achamos oportuno citar, é o art. 7º das DCNEI, em que é destacado a importância de se garantir, ao longo do processo de desenvolvimento da criança, as funções sociopolítica e pedagógicas:

Art. 7º Na observância destas Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

- I - oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais;
- II - assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias;
- III - possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto a ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas;
- IV - promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância;
- V - construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa (Brasil, 2009b, p. 19-20).

Nessa perspectiva, quanto a função sociopolítica e pedagógica é destacado no Parecer CNE/CEB n. 20/2009 que para cumpri-las, precisariam ser oferecidos melhores condições e recursos financeiros, a fim de que as crianças possam usufruir de “[...] seus direitos civis, humanos e sociais e possam se manifestar e ver essas manifestações acolhidas, na condição de sujeito de direitos e de desejos” (Brasil, 2009a, p. 6).

Inclusive, de tal maneira que “a função social, sem se desligar da função política e pedagógica, está relacionada ao modo como estamos acolhendo, educando e cuidando das crianças [...]” (Souza, 2023, p. 49). Isso supõe pensar que

é primordial que o estado cumpra sua função sociopolítica e pedagógica ofertando uma educação que complemente a do círculo familiar, no qual a instituição de Educação Infantil cumpra com a função de promover a igualdade, a convivência, a descoberta, o reconhecimento da identidade individual, coletiva e cultural (Brasil, 2010; Souza, 2023).

É conveniente abordar ao longo desse texto, que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) sofreu várias modificações e melhorias após a sua promulgação em 1990. Como a lei de número 13.257 de 8 de março de 2016, a qual determina o marco legal da primeira infância, evidenciando a proteção dos direitos da criança de até 6 anos. Além disso, tal documento compreende e destaca a importância dos primeiros anos de vida para o desenvolvimento da criança e identifica especificidades de cada idade (Brasil, 1990; Brasil, 2016).

No ano de 2017, destaca-se um documento importante de âmbito nacional que é a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (BNCCEI), a qual veio orientar a organização curricular de toda a educação básica (Brasil, 2018), mas ao mesmo tempo gera dúvidas pela padronização das orientações que organiza, dando a ideia de que as crianças são universais. Além disso, as páginas dedicadas à Educação Infantil na Base são muito diferentes em termos de organização e concepções do restante do documento (Souza, 2023).

No ano seguinte, em âmbito estadual, partindo dos princípios da BNCCEI, o Referencial Curricular Gaúcho também foi publicado (Rio Grande do Sul, 2018), orientando as práticas e regras que constituem o trabalho docente no território do Rio Grande do Sul. Posteriormente a isso, cada município foi (re)organizando suas propostas.

A BNCCEI enfatiza a importância do brincar, destacando que: “Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções” (Brasil, 2018, p. 37). Da mesma forma, em relação às transições que ocorrem na vida da criança, a BNCCEI destaca que:

Além disso, para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, é indispensável um equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são

capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico (Brasil, 2018, p. 53).

Inclusive, outros documentos revelam a importância do acolhimento na Educação Infantil, um deles é em âmbito de município, por meio da Resolução CME n. 59/2019, em que Erechim promulgou o Documento Orientador do Território Municipal de Erechim para a Educação Infantil - DOTMEEI. A construção do documento da Educação Infantil (versão de 2021), teve o envolvimento de mais de 45 pessoas em sua elaboração, uma vez que eram realizadas discussões e reuniões em grupos, conforme afirma o documento:

Em um primeiro momento, as reuniões passaram a ser dinamizadas com todo o grupo de trabalho, com a intenção de que se refletisse sobre as ideias centrais enquanto grupo único da Educação Infantil do município. Posteriormente, grupos menores foram formados, de acordo com os grupos etários apresentados na BNCCEI (bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas), a fim de dinamizar a escuta e o diálogo, e avançar com as ideias centrais de pequenos textos já construídos (Prefeitura Municipal de Erechim, 2021, p. 9).

Tal documento tem como objetivo garantir a qualidade do trabalho pedagógico na Educação Infantil do município de Erechim, organizado em três partes: premissas para o trabalho pedagógico, direitos de aprendizagem e desenvolvimento e campos de experiências.

A premissa 1.7, "O acolhimento como método de trabalho na continuidade das transições na escola da infância", é uma das oito ideias-chave ou "[...] proposições construídas no intuito de refletir sobre a organização curricular" (Prefeitura Municipal de Erechim, 2021, p. 9), presente dentro do documento do DOTMEEI. As seguintes diretrizes são fornecidas por essa premissa para a continuidade dos processos educacionais, que tem como ênfase a garantia do direito ao acolhimento durante as transições da instituição que atende crianças:

Acolher as crianças na escola da infância supõe discutir, com toda a equipe de trabalho, o que significa acolhimento. Acolher está intimamente ligado à atenção, à proteção, ao abrigo, ao conforto, o que supõe pensar no sujeito que está sendo acolhido, seja ele criança ou adulto. Acolher é diferente de adaptar, pois a escola não pode mais exigir que os sujeitos mudem para se ajustar às suas normas definidas e fechadas (Prefeitura Municipal de Erechim, 2021, p. 43).

Em virtude de tais citações, consideramos extremamente necessárias ações cotidianas de acolhimento que reconheçam a criança como centro do processo, respeitando as pequenas transições como (sair da sala, mudança de professora, troca de turma, etc) além de também, respeitar e acolher nos momentos de troca de fraldas, de alimentação e de higiene (Prefeitura Municipal de Erechim, 2021).

Ao abordar esses caminhos pode-se compreender que ao longo do tempo muitos dos direitos das crianças foram ganhando espaço e sendo reconhecidos pela sociedade, pela instituição e pela família. Direitos esses que poderiam ser melhores afirmados e garantidos se as creches entrassem na agenda orçamentária e prioritária das legislações brasileiras, pois como a etapa ainda não é obrigatória, muitas melhorias deixam de se tornar prioridade para o estado brasileiro (Souza, 2023).

De tal forma, a crença de que a criança produz suas próprias culturas é muito recente no Brasil, uma vez que as legislações que asseguram seus direitos à liberdade, educação, brincadeira, etc., ainda são novas, conforme já discutido neste capítulo. Além disso, o modo de conceber as crianças também muda o modo como oferecemos educação a elas, pois, assim como Sarmiento (2009, p. 152) destaca:

As crianças não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui a um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir de suas próprias práticas.

Tendo em vista esses aspectos, o respeito a essas culturas e as formas de investigar o mundo são relações muito importantes que se constituem na prática do acolhimento no cotidiano escolar. Construir propostas que tragam na intencionalidade pedagógica um bebê que por meio da interação e exploração constrói suas hipóteses e assim suas culturas é um desafio ainda para o campo (Martins Filho; Martins, 2016).

Além do mais, a legislação atual baseia-se em princípios básicos para a Educação Infantil, princípios estes que são éticos, políticos e estéticos (Brasil, 2009a). De acordo com o Parecer CNE/CEB n. 20/2009 o princípio ético busca a “[...] valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades” (Brasil, 2009a, p. 8). Além disso, tal princípio tem como fundamento

a criança centro do processo de aprendizagem, de tal forma que, a instituição se torna responsável por proporcionar vivências que ampliem o repertório e possibilitem a compreensão do mundo e de si (Brasil, 2009a). Em concordância:

Desde muito pequenas, as crianças devem ser mediadas na construção de uma visão de mundo e de conhecimento como elementos plurais, formar atitudes de solidariedade e aprender a identificar e combater preconceitos que incidem sobre as diferentes formas dos seres humanos se constituírem enquanto pessoas (Brasil, 2009a, p. 8).

No princípio político é citado “dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática” (Brasil, 2009a, p. 8). De tal maneira que nesse princípio se torna importante o reconhecimento do outro:

A educação para a cidadania se volta para ajudar a criança a tomar a perspectiva do outro - da mãe, do pai, do professor, de outra criança, e também de quem vai mudar-se para longe, de quem tem o pai doente. O importante é que se criem condições para que a criança aprenda a opinar e a considerar os sentimentos e a opinião dos outros sobre um acontecimento, uma reação afetiva, uma ideia, um conflito (Brasil, 2009a, p. 8).

Quanto ao terceiro princípio, que é o estético, busca-se a “valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais” (Brasil, 2009a, p.8), ou seja, devem ser criadas situações que garantam a sensibilidade e a criatividade de cada criança, ações essas sem criar competitividade e sem comprometer a auto-estima da criança (Brasil, 2009a).

Assim também, as instituições de Educação Infantil são conhecidas como uma instituição educacional na qual “[...] é habitada por um grupo de adultos e por um grupo de crianças. É, portanto, um espaço coletivo de convivência, onde acontecem interações entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos” (Brasil, 2009c, p. 45). Na perspectiva que, o ambiente preparado para receber as crianças se constitui do respeito, acolhimento e vivências cotidianas, que além disso, desenvolvam a autonomia, na qual, a partir disso: “A cidadania, a cooperação, o respeito às diferenças e o cuidado com o outro são aprendidos na vivência cotidiana” (Brasil, 2009c, p. 45).

O documento do MEC, intitulado "Critérios para um Atendimento em Creche que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças", organizado por Campos e Rosemberg (2009), oferece uma análise aprofundada dos direitos da Educação

Infantil. Ele destaca a importância de um ambiente adequado para o desenvolvimento saudável das crianças, assegurando um cotidiano baseado na segurança, respeito, participação, estímulo e afeto. Além disso, o documento valoriza o bem-estar infantil, apresentando uma linguagem clara e objetiva.

Portanto, as crianças, reconhecidas como seres de direitos, que fazem parte das mudanças culturais e históricas de nossa sociedade, passam a exigir de nós adultos que incluamos em seu cotidiano “[...] o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade” (Craidy; Kaercher, 2003, p. 21), proporcionando vivências que instiguem a expressão do sentir, explorar e descobrir (Craidy, Kaercher, 2003). Do mesmo modo, as vivências da Educação Infantil são proporcionadas a partir da relação entre nós professoras e crianças, relação que se dá por um olhar atento, observador e afetivo por parte do adulto, respeitando os princípios básicos que regem as crianças nas instituições educativas. Todas essas premissas passam a ser discutidas no próximo capítulo, a fim de enfatizarmos o acolhimento nas ações pedagógicas da creche.

3 PRINCÍPIOS E PRÁTICAS PARA O ACOLHIMENTO DOS/COM OS BEBÊS

“Por parte dos professores, que acolhem a experiência porque sabem ler a sua riqueza” (Staccioli, 2013, p. 27).

Começamos a escrever este capítulo descrevendo sobre a importância da etapa da Educação Infantil, etapa que tem como função, aquilo que já foi ressaltado no capítulo anterior: educar e cuidar como tarefa indissociáveis ao respeito das infâncias, pois: “A atenção dada ao cuidado e à educação como dimensões que marcam o modo de vida na creche nos faz destacar que essas dimensões exigem atitudes específicas, presença-presente e a escolha de prioridades ao realizar as ações docentes” (Martins Filho; Martins, 2016, p. 29).

Em consonância com tal afirmação, de acordo com o Art. 2º da LDBEN:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996. p. 1).

Ainda convém mencionar que, com base em tais princípios, a criança possui liberdade de vivenciar o acolhimento no seu cotidiano, nas suas descobertas, brincadeiras, culturas e pensamentos (Brasil, 2018). Da mesma forma, “[...] é fundamental a qualidade dos gestos, do olhar, do tom de voz, para que a interação – adulto e bebê – seja acolhedora e significativa” (Pikler, 2010 *apud* Loss; Souza; Vargas, 2019, p. 80). Assim, na Educação infantil a professora deve ter um olhar atento a práticas cotidianas, pois:

Para que as crianças sejam autônomas, é preciso percebê-las de outra maneira: competentes desde que nascem, ativas por si mesmas e com uma riqueza de iniciativas e espontaneidade de interesses por tudo aquilo que as rodeia. As condições do meio em que estão inseridas são determinantes para possibilitar que realizem essas experiências (Loss; Souza; Vargas, 2019, p. 85).

Deste modo, Staccioli (2013) tornou-se um autor de referência para a escrita do seguinte trabalho, pois seu livro "Diário do Acolhimento" descreve práticas para um olhar atento e ético com as crianças, nos instigando a pensar em uma pedagogia que eduque e cuide das crianças de fato. Ao longo dos estudos, percebemos que educar e cuidar é acolher, é conectar-nos com as crianças e trazê-las como centro

do próprio processo. Para efetuarmos o respeito pelos processos educativos de cada criança é imprescindível o acolhimento, mas, o que é o acolhimento?

Para Staccioli (2013) o acolhimento serve como base para a organização do dia-a-dia na instituição de Educação Infantil. É entender as necessidades de cada criança. É o respeito pelas vivências e construções coletivas e individuais. A partir dessa ideia, defendemos o acolhimento como método de trabalho e como centro de todo o processo nas instituições de Educação Infantil (Staccioli, 2013). Staccioli (2013, p. 28-29) também enfatiza que acolher uma criança é:

[...] também, acolher o mundo interno da criança, as suas expectativas, os seus planos, as suas hipóteses e as suas ilusões. Significa não deixar passar, como se fosse tempo inútil, o tempo que a criança dedica às atividades simbólicas e lúdicas, ou o tempo empregado para tecer relações “escondidas” com outras crianças.

Assim, o acolhimento na Educação Infantil é a peça chave para todo o processo, tanto rotineiro, quanto de descobertas, investigações e conquistas de cada criança. Dessa maneira: “Olhar para as interações adulto-criança é essencial para uma proposta de escola que se dedique a acolher os bebês e as crianças bem pequenas” (Loss; Souza; Vargas, 2019, p. 85). Podemos mencionar, por exemplo, que ao ser planejado o período de ingresso nas instituições de Educação Infantil, o acolhimento deve ser considerado como eixo fundamental, de tal forma que, deve-se respeitar o tempo de cada criança e suas necessidades como sujeito no ambiente coletivo (Brasil, 2009a). Nesse período de ambientação da criança na instituição de Educação Infantil, se torna necessário ter uma relação intrínseca com seus familiares, que são o apoio e a segurança para as crianças. Na verdade, não somente no decorrer do período de acolhimento, mas também ao longo das vivências e períodos que afetem as crianças e seus sentimentos (Staccioli, 2013).

Assim, ao planejar o começo do ano, as instituições podem procurar entender que: “Este período precisa ser cuidadosamente planejado e organizado para que se encontre as melhores maneiras de inserir as crianças num espaço desconhecido, “estranho”, não familiar e de relações coletivas” (Nicolli, 2018, p. 11). Pois, o momento de inserção da criança na instituição de Educação Infantil é carregado de sentimentos tanto da criança quanto dos adultos, e “A criação de novas ligações afetivas para as crianças é uma condição para que ela possa usufruir dos recursos

de brincadeira, de atividade e de experiência que a creche propõe” (Bondioli, 2012, p. 38).

Em relação a esse ponto, devemos considerar estratégias de organização para que a criança se sinta pertencente àquele local, pois conforme afirma Staccioli (2013, p. 155): “[...] A organização do ambiente de vida é um dos compromissos fundamentais do educador, para dar à criança a possibilidade de fazer suas escolhas, utilizar os objetos de acordo com suas capacidades, seguir suas ideais com tempos e modos pessoais”.

Levando em consideração que, um espaço preparado para os bebês deve ser pensado como um ambiente aconchegante e acolhedor, podemos citar aqui a dissertação de Franco (2021), onde são descritas práticas cotidianas que trazem o acolhimento e a organização do espaço:

A criança tinha sono, mas não conseguia relaxar, não conseguia dormir, embora muito cansada. Decidimos que era preciso um diálogo com a família, era preciso saber dos gostos e preferências daquela criança, era preciso ouvi-la além dos muros da escola.

Ouvimos a família! Escutamos com a cognição, mas principalmente com a emoção. A mãe relatou que na sala de casa havia uma rede de pano e ali que a família dormia. Não em um colchonete que era o que a escola dispunha [...]. Trouxemos então uma rede de pano para dentro da sala de referência, e além daquela criança que não conseguia se adaptar ao ambiente institucionalizado, que se inquietava com a dureza do colchonete e não sentia o acalento do balanço de uma rede de pano, agora tinha, ou melhor, sentia por todo seu corpo frágil e desejoso pelo aconchego uma rede para repouso. Além dessa criança que nos ensinou a ouvir, outras também se sentiram acolhidas (Franco, 2021, p. 20).

Esse exemplo de Franco (2021) salienta que um ambiente bem preparado por professoras com intencionalidade na sua prática, que escutam as necessidades das crianças, é fundamental para o período de inserção no centro de Educação Infantil e de descobertas durante o ano letivo. Nesse sentido, “As atividades de cuidados cotidianos costumam se repetir e comunicam à criança uma rotina que pode gerar nelas conforto ou desconforto” (Loss; Souza; Vargas, 2019, p. 87). Exemplo disso pode ser observado na hora de dormir, construindo momentos que tragam uma “presença presente” (Martins Filho; Martins, 2016) por parte da professora, pois ali se constituem relações de afeto entre educadora criança e ambiente, necessitando de confiança por parte da criança e de calma e olhar atento por parte da educadora.

Igualmente, este momento estabelece uma pausa na rotina agitada do brincar e das descobertas, sendo um período que pode ser tanto coletivo quanto individual,

conforme a necessidade e a idade das crianças. Há também as crianças maiores que não querem dormir, podendo ser proporcionado a elas, em uma sala separada, um ambiente aconchegante que remeta a calma e ao descanso, como por exemplo ambientes com livros, almofadas e um tapete confortável como Staccioli (2013) cita ao decorrer do seu livro.

Já no ambiente das crianças que vão dormir, devemos pensar em prepará-lo para que se sintam bem e seguras. Uma sala bem ventilada, um ambiente com uma luminosidade baixa, mas não muito escuro, colchonetes macios, tom de voz calmo e música ambiente que remete a tranquilidade, são situações que aos poucos envolvem as crianças nesse ambiente, além disso, os objetos de apego ajudam a criança a associarem a sala do sono a um lugar seguro e aconchegante (Staccioli, 2013).

O momento do sono também pode ser realizado com propostas diferentes das comuns, como descrito na pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, realizada por Sandrieli Inácio (2021, p. 65):

[...] Seguindo tais argumentos, busquei artistas que trouxessem ampliação do repertório cultural das crianças. Entre eles, estão Pitty, Pato Fu, Jammil, Cassia Eller, Gabriel Elias, Elis Regina, Tom Jobin, Seu Jorge, entre outros que compunham a música popular brasileira. Senti as crianças concentradas, como se a música penetrasse nelas. Foi maravilhoso observar que essa prática se fez significativa. Houve momentos em que me questionaram se as crianças iriam dormir pela interrupção da passagem de cada música e com toda a propriedade que as crianças me ofertaram nessa prática, respondi: SIM! Essas músicas ecoam durante o sono como um sussurro de positividade e esperança. Penso que no começo poderia ser que ficassem mais tempo ouvindo do que dormindo, mas com o tempo e intimidade, iriam adormecer pois confiava nas crianças. Pensei também na disposição e ordem dos colchonetes pela sala da turma, uma vez que a escola não tinha espaço reservado para o dormitório. Por esse motivo, muitas vezes materiais do momento da recepção acabavam permanecendo, tais como cabanas montadas com tecidos, balões pendurados no teto ou paredes, etc. Me recordo de um dia significativo onde vi que isso também fazia parte do acolhimento, já que algumas crianças gostariam de permanecer brincando na hora do sono. Mesmo que isso não fosse possível, em uma brincadeira com luz negra, deixei a luz ligada e vi olharem fazendo “uau!”, mamadeiras, nanas e uniformes brilhando e assim, o sono se fez de uma maneira única e inesquecível.

De tal forma, percebemos então o momento de descanso não somente como uma pausa, mas também como uma relação que se estabelece ao decorrer da prática e no qual se deve acolher as necessidades de cada criança como sujeito de

direitos. Além disso, outro espaço que se pode utilizar é o “cantinho gostoso” que Staccioli (2013, p. 164) descreve na sua obra:

O cantinho gostoso oferece uma oportunidade de sentir o próprio corpo sem os costumeiros condicionamentos impostos pela mobília da escola (ou seja, mesas, cadeiras, prateleiras, armários...). Oferece a oportunidade de motricidade “livre”, com toda a sua gama de modos de ser, do relaxamento à agitação. Nesse espaço é possível deitar, rolar, arrastar-se, engatinhar, cair, saltar, arriscar-se[...] É possível ficar descalço e, portanto, até os pés são livres para brincar.

Recomenda-se que esse canto seja preparado com um tapete para isolar o frio do chão, com um colchão sobre o qual posso “aterriçar” sem se machucar e com almofadas de vários tamanhos, que possam ser levadas de um lado para o outro e arrumadas de acordo com a exigência do momento [...].

Estes espaços, carregados de sentidos para a idade das crianças, são formas de encontrar na instituição de Educação Infantil um espaço onde a criança se sinta pertencente, onde consiga brincar, experienciar e ao mesmo tempo, encontrar um ponto de paz e sossego quando necessário.

Não somente os espaços remetem ao pertencimento, mas também as paredes da sala referência e de toda a instituição: “Acolher as crianças utilizando as paredes é pensar em pertencimento, em como povoar constantemente a escola com as produções significativas das crianças e assim, mostrar a vida da escola” (Barbieri, 2012 *apud* Inácio, 2021, p. 92). Para a utilização das paredes da sala, Staccioli (2013, p. 143) descreve alguns critérios:

- Os objetos e materiais expostos podem ser arrumados (quando não houver razões de segurança ou motivos organizacionais que impeçam) de maneira que sejam vistos e manuseados pelas crianças.
- As imagens e os materiais colocados nas paredes precisam ser fáceis de serem mudados para que possam ser arrumados de outra forma ou retirados de onde estão.
- As informações (os nomes das crianças, as indicações sobre o que representam certas imagens...) não devem se sobrepor aos objetos expostos.
- Muitos dos materiais acomodados na sala podem ser arrumados em colaboração com as crianças (valorizando suas propostas e não as utilizando apenas como ajuda genérica)

Dessa forma também, as paredes da sala de referência cumprem uma função estética primordial, pois paredes com muita informação podem deixar o ambiente muito poluído, além que a presença de imagens estereotipadas é uma informação que não apoia as crianças “[...] em sua expressão criativa” (Staccioli, 2013). Dessa

maneira, as produções das crianças são de muito mais significado, e podem ser usadas para preencher as paredes e a sala, trazendo a noção de pertencimento.

Não só as paredes e os espaços remetem ao acolhimento, mas também as ações rotineiras como a ida ao banheiro, a troca de fraldas, o momento da alimentação, entre outros. São situações que, pela falta de informação, pode ser “[...] inferiorizada profissionalmente, isso muitas vezes pela própria professora no interior da creche [...]” (Martins Filho; Martins, 2016, p. 26). Em contraposição, Inácio afirma-se que:

[...] ir ao banheiro é pedagógico, é educativo. Lavar as mãos, escovar os dentes, puxar a descarga, saber limpar-se são práticas que compõe a proposta curricular, práticas essas que são previstas pela Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (Brasil, 2017 *apud* Inácio, 2021, p. 75).

A valorização de tais ações é imprescindível, de forma que nós professoras reconheçamos que devemos realizá-las de forma pedagógica, respeitando o corpo e o sentimento das crianças, valorizando-as como seres humanos protagonistas de suas vidas e participantes do processo de cuidado e bem-estar pessoal.

Outro ponto importante para se pensar na prática com os bebês, diz respeito ao acolhimento do choro:

Construir um modo de vida com os bebês é dar sentido ao olhar, ao choro, ao sorriso, é saber ter paciência para observar as reações dos bebês, isso na hora de trocar a fralda, medir a temperatura, alimentar cada um, calçar o sapato, pentear o cabelo, assoar o nariz [...] É importante que nesses contatos haja uma relação corporal que propicie a construção da afetividade e da amorosidade. São momentos que se abrem para diferentes possibilidades de experiências, sentimentos, relações e interações ricas e intensas (Martins Filho; Martins, 2016, p. 33).

Do mesmo modo, nós professoras dos bebês devemos compreender o choro como uma exteriorização de que algo não está bem ou confortável, podendo expressar fome, sono, fralda suja, ou até mesmo a necessidade de colo ou de um adulto mais próximo, que ofereça conforto e segurança. Manter a calma quando os bebês estão chorando é imprescindível, uma vez que “[...] o desafio de estar com os bebês passa principalmente pela comunicação e interação, pois interpretar suas manifestações exige disponibilidade, conhecimento e interesse por parte da professora” (Martins Filho; Martins, 2016, p. 32).

Ainda convém mencionar que, com base na relação entre adulto e bebê, ao expressarem algum desconforto o acolhimento do mesmo é fundamental:

Nesse sentido, é comum observar nas creches os bebês chorarem perto da hora das trocas, do sono e da alimentação, sendo o choro a forma que usam para expressar seus incômodos e que muitas vezes são ignorados pelos adultos. Não podemos mais aceitar as desculpas de falta de tempo, falta de condição e outras que são usadas para justificar o pouco acolhimento e afeto no cuidado com os bebês. Um olhar atento, uma voz suave e gestos delicados é o que todos desejam em suas experiências cotidianas, por que seria diferente com os bebês? (Loss; Souza; Vargas, 2019, p. 87).

A partir de tais inquietações do cotidiano da prática pedagógica na creche, percebe-se que o afeto e o carinho com os bebês deve ser a principal forma de interação dos adultos presentes na sala de referência. Desse modo, salienta-se que:

O desenvolvimento infantil é um processo contínuo e muito intenso nesse período. O corpo da criança se modifica rapidamente e o cérebro aperfeiçoa habilidades fundamentais, como visão, inteligência e capacidade de interação. Essas transformações estão interligadas; uma influencia a outra. Todo esse desenvolvimento depende não somente das características da criança quando nasce ou do leite que ela recebe, mas também da interação com o meio em que vive. Tanto as necessidades físicas, como alimentação e higiene, quanto as emocionais, como sentir-se segura, amada e protegida, precisam e devem ser atendidas (Brasil, 2019, p. 22).

Pensando nas necessidades físicas de alimentação, sabemos que o leite materno é a forma exclusiva de alimentação e oferta até os seis meses de idade dos bebês, sendo o único e principal alimento nessa fase. A oferta de alimento deve ser feita a partir dos 6 meses ou mais, avaliando os sinais de prontidão em cada caso:

A partir dos 6 meses, quando começa a ser alimentada com outros alimentos além do leite materno, a atenção e o respeito aos sinais de fome e saciedade são fundamentais para o processo de aprendizagem da criança em relação à alimentação e para o seu pleno desenvolvimento (Brasil, 2019, p. 95).

Em vista disso, os momentos de introdução alimentar são delicados, sendo fundamental o respeito ao tempo de cada criança, devendo ser realizado com práticas que acolhem e consideram cada um com suas necessidades individuais de forma saudável, para se estabelecer assim, relações entre educadora e criança.

Na medida em que o cuidado vai se estabelecendo no cotidiano, compreende-se mais essa relação entre o educar e cuidar como prática de acolhimento, nesse sentido:

Uma escola que contemple os bebês em suas especificidades precisa garantir espaços de convivência dedicados ao acolhimento e à participação ativa em todo o processo de sua educação. Esse processo deve ser definido em intencionalidades pedagógicas interdependentes e que desejam cultivar o ser, as relações, a experiência e o significado em torno do percurso de vida que se desenvolve na creche (Vargas, 2016, p. 102).

Ainda, acrescenta-se que, o adulto é responsável pelas relações que as crianças estabelecem, se for passada confiança para as crianças, elas vão conseguir criar e investigar com mais autonomia, sem depender sempre da aprovação de um adulto, tendo liberdade e segurança afetiva (Villapouca, 2019)

Dessa maneira, as crianças possuem a capacidade de brincar e de explorar, além de ter contato com diferentes estímulos e culturas os quais são proporcionados por meio de vivências cotidianas. Em vista disso, a pedagoga que respeita crianças como sujeito de direito, deve ter um olhar atento, observando cada criança e suas interações coletivas, para assim, “[...] ampliarmos as possibilidades de olhar e ver as crianças de pouca idade na sua inteireza” (Villapouca, 2019, p. 56).

Para a realização dessa pesquisa, assim como já descrito no capítulo 1 deste trabalho, foi analisado documentos de portfólio digital de três crianças entre 3 meses a 1 ano e 1 mês de vida: Clara, Augusto e Miguel. Os bebês frequentavam uma turma de Berçário I, em uma instituição conveniada de Educação Infantil, do município de Erechim/RS. Nas situações de acolhimento na sequência apresentadas, se torna possível observar como o cotidiano dos/com os bebês é rico em detalhes, no qual é imprescindível uma pedagoga com um olhar atento, que observa e que sente junto com eles, que reconhece as pequenas e as grandes conquistas, em vista disso: “Uma pedagogia que contemple os bebês e as crianças bem pequenas em suas especificidades precisa garantir espaços de convivência dedicados ao acolhimento e a participação ativa em todo o processo que envolve educá-los” (Loss; Souza; Vargas, 2019, p. 81).

3.1 “Acolher as primeiras vezes”: o que revelam as documentações de um Berçário sobre o inserimento das crianças na instituição escolar?

“Acolher a primeira vez da criança na escola.
Acolher a primeira vez das famílias da escola.
Acolher as primeiras vezes” (Tais Romero).

Começamos a escrita deste subcapítulo, destacando algo que já foi referenciado acima, o quanto acolher a chegada dos bebês na instituição de Educação Infantil é fundamental, acolher o choro, acolher o receio de estar em um ambiente novo, acolher a criança que precisa de mais tempo antes de ficar em turno integral, e por fim, acolher como palavra-chave no cotidiano do educar e cuidar. Sobre isso, as três imagens abaixo, descrevem as primeiras experiências de Clara, Miguel e Augusto, os 3 bebês participantes da pesquisa, quando passaram a ser inseridos na instituição:

Imagem 1: Print de tela do portfólio digital da Clara: “meus primeiros dias na escola”.



Fonte: Josieli Wall (2022).

Imagem 2: Print de tela do portfólio digital do Miguel: “Dia da família na escola”.

Dia da família na escola

Nossa história juntos começou a ser construída no dia 18/02/2022 e você tinha apenas três meses. Miguel, você dormiu tranquilo no aconchego do colo da profe!



Fonte: Josieli Wall (2022)

Imagem 3: Print de tela do portfólio digital do Augusto: "Meus primeiros dias na escola".

Meus primeiros dias na escola ...



"Para um bebê, o mundo todo é uma grande novidade e uma oportunidade excitante a explorar. Para conhecer este mundo e conquistá-lo pouco a pouco, aprender a controlar suas mãos, seu corpo, os brinquedos, etc., ele precisará de silêncio e paz imperturbáveis".
Anna Tardos

Fonte: Josieli Wall (2022)

Percebe-se nas imagens acima o quanto é importante o respeito pelo primeiro contato dos bebês com a instituição, um ambiente novo, com pessoas diferentes e novas relações se estabelecem. Nesse encontro se constituem relações de afeto muito importantes para o desenvolvimento, de maneira idêntica ao que já foi citado

no texto anteriormente, um ambiente bem planejado para receber a primeira vez na instituição é fundamental (Nicolli, 2018).

Além disso, na imagem 2: “Dia da família na Escola”, se nota a importância de a professora dar aconchego e carinho para os bebês. O bebê Miguel, dormia de forma muito tranquila no colo de sua professora, que parecia estar buscando seu primeiro contato, tentando passar confiança e tranquilidade: “Pensar uma pedagogia do contato significa compreender a pluralidade de movimentos humanos realizados para suprir necessidades individuais e coletivas, algo que materializa a dimensão ético-estético-afetiva de existir humano” (Nornberg, 2016, p. 83). Seguindo essa perspectiva, o:

[...] colo é entendido não só como uma função biológica, isto é, o espaço-tempo superior e inferior do tronco humano que recebe e acolhe o bebê, protegendo-o, aquecendo-o, alimentando-o, mas também na dimensão socioantropológica como o movimento interno e externo de encontros entre humanos que ocorre por meio da comunicação estabelecida como forma de acolher a condição do encontrar-se como se-aí-lançado no espaço da mundanidade, reivindicando atendimento às necessidades e curiosidades físico-psíquicas decorrentes de seu estar-no-mundo (Nornberg, 2016, p. 87).

No documento do MEC “Critérios para um Atendimento em Creche que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças”, organizado por Campos e Rosemberg (2009), é ressaltada a importância de valorizar o direito das crianças a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante. Além disso, é importante oferecermos atenção especial durante o período de adaptação à creche, reconhecendo como um momento crucial para a construção de vínculos entre educador, família e criança. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de proporcionar um ambiente que promova segurança, atenção e afeto.

Loss, Souza e Vargas, a partir dos estudos de Pikler (2010), salientam que: “[...] é fundamental a qualidade dos gestos, do olhar, do tom de voz, para que a interação – adulto e bebê – seja acolhedora e significativa” (Loss; Souza; Vargas, 2019, p. 80). Da mesma forma, nas imagens 1 e 3 a professora coloca uma citação de Anna Tardos, na qual busca deixar em evidência o quanto o mundo é algo novo para os bebês, por isso tudo é motivo de curiosidade e de investigação.

Ao ler essas documentações, percebemos que:

Assentir o acolhimento como um método, por ser necessário ser trabalhado todos os dias, o dia todo, o ano todo. Amparar e acolher são expressões que devem estar presentes em qualquer momento que acontecer no cotidiano escolar: desde a recepção das crianças, horário de comer, de higiene, nas brincadeiras, rodas de conversa, etc. O acolhimento se dá pelo respeito as realidades das crianças, trazendo novas experiências e proporcionando um ambiente aberto para o diálogo. Acolher a criança, é acolher ela por completo, seu mundo, suas experiências, suas culturas, suas expectativas, seus medos [...] Enfim, tudo que faça parte do seu universo enquanto ser humano. E é sobre isso que refleti durante minha escrita (Inácio, 2021, p. 62).

Dessa forma, compreende-se que o acolhimento norteia os processos da Educação Infantil, pois educar e cuidar é acolher, e esses processos são fundamentais. Desde o momento da chegada do bebê deve-se pensar em uma pedagogia que respeite o tempo e o espaço, que valorize a criança bem pequena como ser ativo, capaz de descobrir e investigar seu próprio corpo, o local que a rodeia e as relações com o outro: “A relação afetiva e de qualidade entre adulto e bebê, também entre os próprios bebês, só é possível se partir do entendimento de que cada bebê é um ser único, com características e necessidades singulares que lhes são idiossincráticas” (Vargas, 2016, p. 103).

O acolhimento tem um papel fundamental na construção de um ambiente preparado para o desenvolvimento das crianças, no qual tenha respeito, atenção, cuidado tanto do coletivo quanto do individual durante o período que estiverem na instituição de Educação Infantil. Um ambiente bem preparado, que transmita segurança e aconchego é fundamental, pois é nesse contexto que se formam vínculos afetivos para todo o ano escolar (Prefeitura Municipal de Erechim, 2021).

Além disso, de acordo com o Parecer CNE/CEB n. 07/2010, o cuidar também é acolher, escutar, olhar para as crianças realmente como seres de direitos, capazes de aprenderem por si só e investigar o mundo à sua volta. Cada criança é diferente sendo de responsabilidade da professora em sala, promover relações de afeto e cuidado assim como mencionamos no capítulo 2 (Brasil, 2010). Dessa forma, é importante um ambiente acolhedor para assim estabelecer relações de amor, confiança e respeito.

3.2 O acolhimento dos bebês como um método de trabalho: o cotidiano em cena

Como já salientado, o acolhimento como um método de trabalho, acontece durante todo o cotidiano da Educação Infantil. Muitas descobertas que para os adultos são pequenas e insignificantes, para um bebê que está descobrindo o mundo, é algo novo, curioso e extraordinário. Exemplo disso, pode ser encontrado nos espaços ocupados pelas crianças, pois ao ser proporcionado uma sala de referência que dê autonomia e confiança aos bebês, estamos sabendo reconhecer a centralidade da criança, conforme afirmam as DCNEI (Brasil, 2009a).

De acordo com o DOTMEEI “[...] as experiências na escola são vividas e intencionalmente planejadas a partir daquilo que toca as crianças, que se passa com elas. Daquilo que acontece no cotidiano que faz a vida pulsar, ganhar sentido” (Prefeitura Municipal de Erechim, 2021, p. 70). As crianças passam por diversas transições individuais durante seu desenvolvimento, e é fundamental oferecer um ambiente acolhedor para assegurar a continuidade desse processo. Dessa forma, o cotidiano é percebido como

[...] uma construção humana, desenvolvido pelas crianças e adultos que habitam a escola de maneira cooperativa, ética e respeitosa. Assim, todas as ações que se desenvolvem na escola, como: dormir, vestir-se, deslocar-se, alimentar-se, hidratar-se, higienizar-se, organizar seus pertences, conversar, conviver, investigar, explorar, brincar, recepções, despedidas, etc., constituem o currículo. Apesar de serem ações que fazem parte do dia a dia escolar, no cotidiano elas nunca são vividas da mesma forma pelas crianças (Prefeitura Municipal de Erechim, 2021, p. 23).

Nesse sentido, as autoras Loss, Souza e Vargas (2019, p. 85) salientam que as contribuições de Pikler são muito importantes, pois:

Essa abordagem se assenta em princípios que garantam uma segurança afetiva e uma motricidade livre das crianças, apoiando-se em três funções principais, que são: liberdade de movimento, brincadeiras espontâneas e acolhimento e cuidado ao bebê. O acolhimento, cuidado e a garantia de liberdade de movimento e exploração, são formas de participação que se ancoram nas interações dos adultos com os bebês, correspondendo às formas de acolhida e cuidados com eles.

Quando o bebê tem liberdade para explorar, ele toca, sente e muitas vezes leva objetos até a boca, experimentando e investigando de forma livre. Como

Lapinski (2022) destaca, a autonomia é fundamental no desenvolvimento das crianças, dessa forma, um exemplo dessa interação livre de descoberta do próprio corpo é a imagem 4, em que a professora, com um olhar atento, observa Clara.

Imagem 4: Print de tela do portfólio digital da Clara: descobrindo o próprio corpo.



Fonte: Josieli Wall (2022).

Mediante o exposto, notamos que, “[...] é a partir do movimento livre que as crianças desenvolvem suas habilidades, adaptando-se ao ambiente em que ela está inserida, conhecendo melhor seu corpo, suas capacidades, confiando mais em si mesma” (Lapinski, 2022, p. 46). O ato de tocar-se e de experienciar sentindo. Assim também, o primeiro passo para os bebês descobrirem o mundo é descobrirem a si mesmos, como exposto na imagem 5, no qual o bebê Augusto sente, descobre e vive a experiência de uma bela tarde no parque.

Imagem 5: Print de tela do portfólio digital do Augusto: descobrindo o próprio corpo.



Fonte: Josieli Wall (2022)

Ao ser deixado livre no parque, Augusto tem a possibilidade de investigar seu próprio corpo, criar conceitos e relações do mundo ao seu redor. Salientamos ainda que, como descrito pela professora, Augusto observa atentamente o ambiente ao seu redor, reconhecendo-o e descobrindo um lugar novo sem a intervenção de um adulto e com muitas descobertas. Notamos assim, que o movimento livre em um ambiente calmo é um ótimo impulso para o desenvolvimento dos bebês.

Mas isso só é percebido pelo olhar atento e zeloso de um adulto, como relatado acima: Augusto estava livre para desenvolver seu próprio movimento, e, por trás dessas fotos havia uma professora sensível às suas descobertas, observando os seus movimentos sem interferência e registrando as suas descobertas. Uma professora que considera os bebês como sujeitos históricos e de direitos, conforme afirmam as DCNEI (Brasil, 2009a).

Nas ações de Clara e Augusto, percebemos o respeito ao direito de explorar novos ambientes e espaços ao ar livre, conforme ressaltado por Campos e Rosemberg (2009) no documento do MEC "Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças", destacado no capítulo 2.

Além disso, ao tempo que os bebês vão descobrindo o próprio corpo, eles também conseguem segurar outros objetos e manuseá-los, claro que cada uma

possui o seu tempo. Não deve-se comparar bebês e muito menos forçá-los a realizar alguma ação, como por exemplo o segurar a mamadeira, ou colocar sentada uma criança, que ainda não consegue fazer esse movimento sozinha. Assim, respeitar o tempo de cada bebê é fundamental, o que pode ser observado na imagem 6:

Imagem 6: Print de tela do portfólio digital da Clara: descobrindo os objetos.



Fonte: Josieli Wall (2022).

Na primeira fotografia da imagem 6, Clara aparece segurando um brinquedo. Leva-o à boca e manuseia, a fim de investigar tal objeto das mais variadas formas. Já na segunda imagem, Clara segura sua mamadeira sendo possível perceber uma recente conquista para o seu desenvolvimento. Essas descobertas do cotidiano, expressam um olhar minucioso e atento por parte da professora, que sendo sensível a essas conquistas motoras, permite criar propostas em que o movimento livre e a confiança com os bebês, façam com que eles consigam investigar e descobrir seu corpo e seus próprios deslocamentos. Sobre isso, Vargas (2016, p. 104), afirma que:

Seu desenvolvimento depende de sua segurança afetiva, da qualidade das interações no contexto da creche. Para que haja aprendizagens nesse encontro do bebê com o mundo, temos que pensar os tempos e espaços da creche como adequados a propiciar as relações entre adulto e bebê, bebê e bebê, bebê e materiais. A organização do tempo e do espaço reflete a ideia que as professoras têm de bebê e o papel da educação em contexto coletivo de Educação Infantil.

A partir dessa colocação, as imagens 7 e 8 revelam a conquista de um movimento por Augusto. Após muitas tentativas para virar-se ou engatinhar, ele finalmente consegue e a expressão de felicidade no rosto fica aparente. Além disso, ao analisar o ambiente em que esse bebê está percebemos que não possuem objetos para interferir no seu movimento, ele está descobrindo sozinho e com esforço próprio.

Imagem 7: Print de tela do portfólio digital do Augusto: construindo o próprio movimento.



Fonte: Josieli Wall (2022)

Imagem 8: Print de tela do portfólio digital do Augusto: “momentos de uma tarde no berçário”.



Fonte: Josieli Wall (2022)

A partir das imagens percebemos que, assim como Augusto, as crianças criam seu próprio movimento, e por meio dele investigam o mundo, brincam e interagem, estabelecendo relações de proximidade, relações de gestos e do movimento. Isso tudo nas palavras de Nornberg (2016, p. 87), são formas de comunicação, pois:

Diante disso, podemos entender a comunicação primária como as diferentes formas, para além da linguagem falada, criadas e mantidas para estabelecer relacionamento com as pessoas. Essas diferentes formas incluem movimentos, toques, gestos, expressões faciais, contato visual, cheiro, gostos.

Dessa maneira, percebemos que a intencionalidade no cotidiano é vivida, experienciada e explorada, quando estamos em contato com os bebês. Por isso a necessidade de manter um olhar atento e uma escuta sensível, pois conforme afirma Prado (2016), o movimento dos corpos dos bebês e das professoras não são neutros, eles possuem intencionalidade, expressam novas criações, novas culturas e novas formas de ver o mundo.

Acrescentamos que, as explorações dos bebês com diferentes objetos brincantes é fundamental, mas, deve-se pensar em objetos ricos em detalhes, que

proporcionem a eles, ricas possibilidades investigativas e criativas, conforme salienta Vargas (2016, p. 109):

Com base nas observações e reflexões aqui apresentadas, aponto que a creche tem um papel fundamental na vida dos bebês, que é de tentar oferecer um contraponto, saindo da lógica comercial para uma lógica educativa. Para isso, temos que propor aos bebês situações que estabeleçam equilíbrio e criar situações de tempo, espaços e materias que lhes permitam explorar e brincar de outras formas. Paradoxalmente, precisamos recuperar aquilo que, por tradição, tem sido um patrimônio infantil: a liberdade de brincar e desvendar os mistérios do mundo.

Em vista disso, as próximas imagens revelam as experiências de exploração como práticas significativas da creche.

Imagem 9: Print de tela do portfólio digital do Miguel: o investigador.



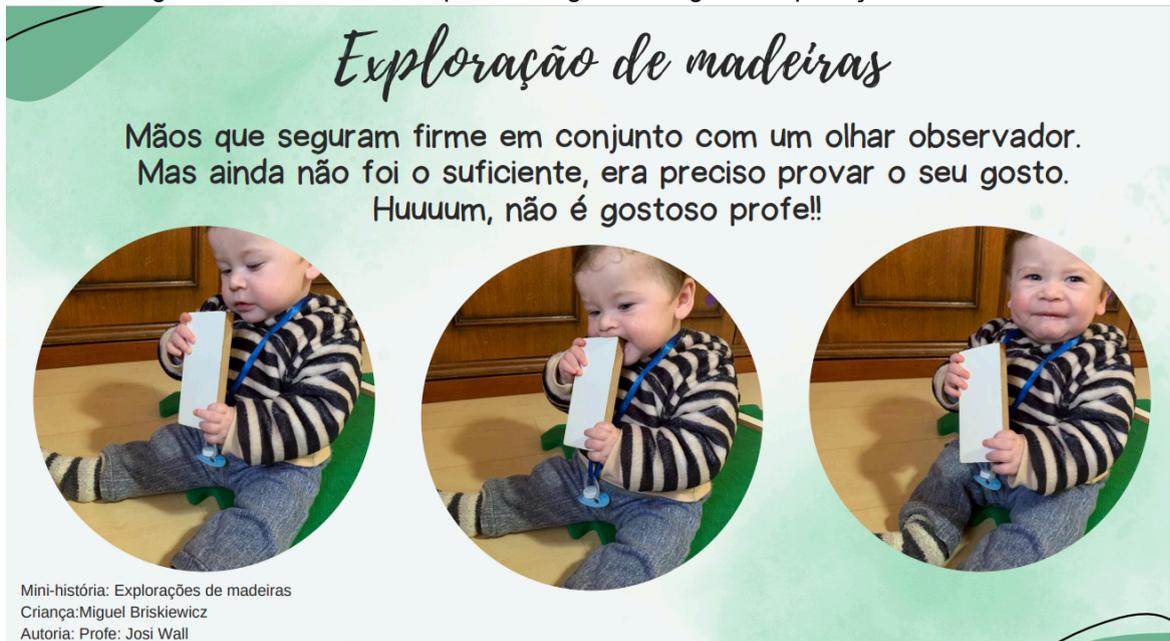
Miguel: o investigador

O Cestos de Tesouros trouxe muitos objetos para exploração, mas Miguel ficou interessado nessa colher. Olhou, pegou com as mãos e jogou no chão e nesse momento o objeto produziu um som, instigando ainda mais a sua curiosidade. E a investigação continuou ... olhou, pegou com as mãos, levou até a boca e jogou o objeto cada vez mais distante.

Mini-história: Miguel: o investigador
Criança: Miguel Briskiewicz
Autoria: Profe: Josi Wall

Fonte: Josieli Wall (2022)

Imagem 10: Print de tela do portfólio digital do Miguel: “Exploração de madeiras”.



Fonte: Josieli Wall (2022)

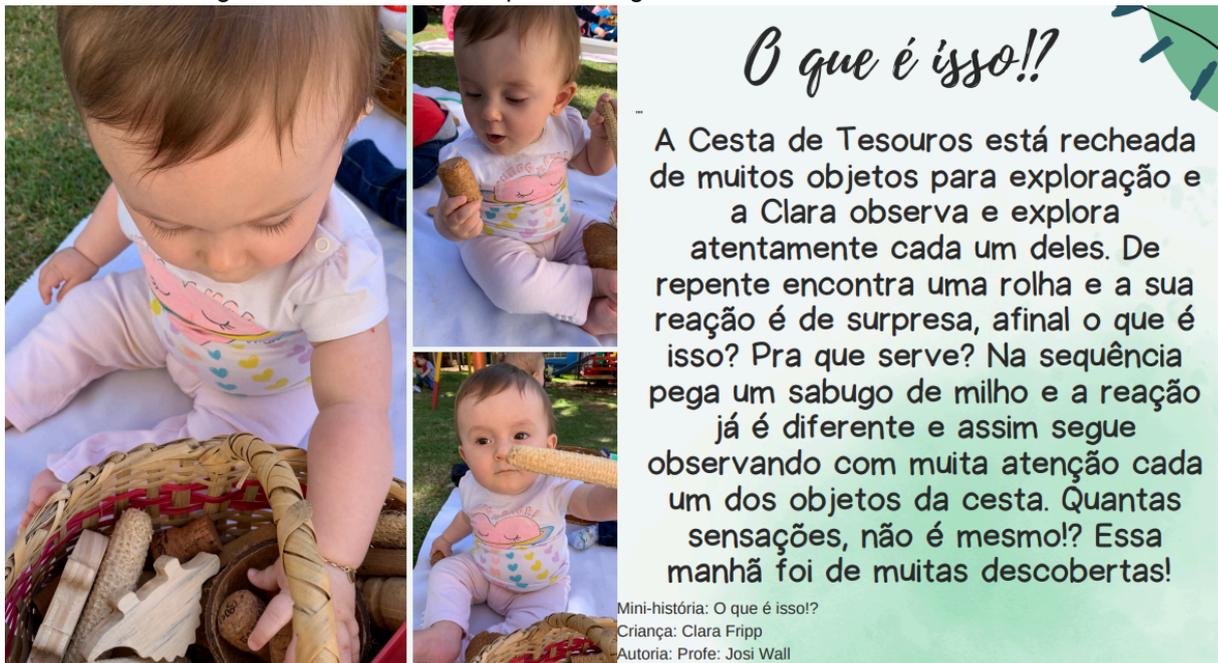
Ao analisarmos as imagens do portfólio de Miguel, fica evidente que as atividades de exploração e vivência desempenham um papel importante no cotidiano da Educação Infantil. O brincar heurístico é uma abordagem na qual é oferecido objetos variados para as crianças para que assim, possam brincar e explorar livremente, sem a interferência direta de um adulto, conforme afirma Godschmied e Jackson (2008). Além disso, as autoras afirmam que essa prática contribui para criar um ambiente estimulante na sala de referência (Goldschmied; Jackson, 2008).

Conforme ressaltado no DOTMEEI:

Desde bebês, as crianças se mostram ativas para pegar, manipular, mexer, compreender para que servem os objetos. Afinal, o brincar heurístico se faz muito presente nos primeiros anos de vida. Se a variedade de materiais for restrita, as crianças não conseguem ampliar seu conhecimento (Prefeitura Municipal de Erechim, 2021, p. 99).

Além disso, esses momentos de exploração podem ser vistos nos portfólios de Clara e Augusto, nas imagens 11 e 12, que mostram expressões de felicidade nos rostos das crianças, bem como um olhar curioso, contato tátil e experimentação sensorial. Isso mostra como a abundância de detalhes exploratórios garante os direitos de aprendizagem e desenvolvimento de brincar e explorar, conforme afirma a BNCCEI (Brasil, 2018).

Imagem 11: Print de tela do portfólio digital do Clara: Cesta dos Tesouros.



Fonte: Josieli Wall (2022).

Imagem 12: Print de tela do portfólio digital do Augusto: Explorações.



Fonte: Josieli Wall (2022)

Por fim, proporcionar experiências tão significativas como essas, são sim práticas que acolhem e que trazem o educar e cuidar mais uma vez, como aspecto indissociável ao cotidiano: "A criança é competente e autora de suas aprendizagens. Ela interroga o mundo, e nesse interrogar estão os aspectos que são o suporte para a sua aprendizagem" (Vargas, 2016, p. 114).

Ao explorar os registros de portfólio digital percebe-se um ambiente de interações e investigações reais. Nas brincadeiras, elas constroem suas primeiras interações com o outro, tanto com as outras crianças quanto com os adultos referência, tais experiências são um convite para o novo (Nornberg, 2016). Isso pode ser percebido na imagem 13, do portfólio de Miguel:

Imagem 13: Print de tela do portfólio digital do Miguel: “Relações que se constroem no cotidiano”.



Fonte: Josieli Wall (2022).

Na cena capturada pela imagem 13, vemos as crianças Miguel e Ashley interagindo e brincando na sala de referência, onde amizades e diálogos se formam e se fortalecem. É notável que os bebês têm suas próprias formas de se comunicar e brincar, constantemente desenvolvendo maneiras de interagir em seu dia a dia.

As relações que se desenvolvem no dia a dia ressaltam a importância do respeito ao tempo e do olhar atento e sensível para que o acolhimento se torne uma prática vivenciada. Acolher as "pequenas" conquistas, as experiências motoras, as brincadeiras entre os pares e as relações de amizade são apenas alguns exemplos de como o acolhimento se torna um “método de trabalho” (Staccioli, 2013).

3.3 Acolher as necessidades fisiológicas: o sono e a alimentação dos bebês

Cada bebê possui suas necessidades fisiológicas de sono, alimentação e higiene de acordo com suas características individuais. Em algumas instituições, os momentos rotineiros da Educação Infantil podem impactar nessas necessidades, seja de forma positiva ou negativa. Por exemplo, quando alguém força as crianças a dormirem em um horário que a instituição determina, ou a comer em horários muito diferentes do que o habitual, pode gerar choro e frustrações desnecessárias.

Os momentos da introdução alimentar, mesmo sendo uma vivência cotidiana que é realizada todos os dias, é também um momento delicado, que precisa de atenção e acolhimento por nós professoras. Como já citado nesse mesmo trabalho, a oferta de leite materno é exclusiva até os seis meses de vida de um bebê, a partir do momento em que a criança começa a ser inserida no universo da alimentação, deve oportunizar uma gama variada de alimentos saudáveis, como frutas, cereais e legumes (Brasil, 2019).

Cada alimento sendo considerado como uma experiência diferente, pode ser oferecido várias vezes para a criança, nas primeiras vezes que ela provar ela pode demonstrar não gostar, como as famosas “caretas”. Dessa maneira, pode ser normal no período de introdução alimentar, que as crianças vão adquirindo mais intimidade com as texturas e sabores dos alimentos, por isso após algum tempo provando o mesmo alimento, a criança vai aperfeiçoando seu paladar.

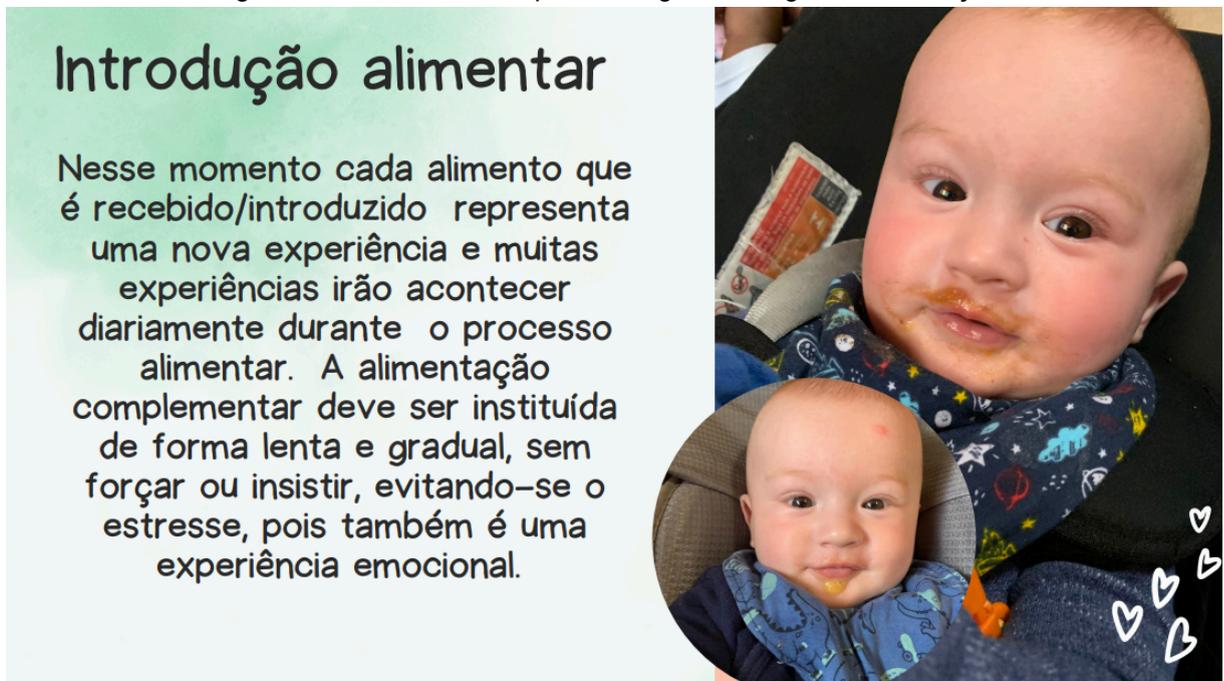
Porém, nem sempre esse momento é vivido com tranquilidade pelas crianças, pois, conforme destaca Inácio (2021, p. 82):

Para muitas crianças, comer na escola é terror, é choro, é negação. Não porque a escola se torna isso, mas porque suas práticas familiares se constituem dessa maneira: por obrigação. O que me refiro é que sabendo que no espaço educacional, o cuidar e educar estão sendo desenvolvidos de modo indissociável (BRASIL, 2009c) no cotidiano da creche com bebês e crianças bem pequenas, é nossa responsabilidade investigar novas possibilidades para que o momento de comer também seja acolhedor.

É a partir do cuidado e respeito que práticas de acolhimento vão se constituindo em situações cotidianas, mas infelizmente, algumas instituições não dispõem de mobiliário adequado e nem da quantidade de profissionais para atender

as necessidades do período de introdução alimentar. Esse exemplo pode ser visualizado na imagem 16, que possui o print de tela do portfólio digital de Augusto.

Imagem 16: Print de tela do portfólio digital do Augusto: “Introdução alimentar”.



Fonte: Josieli Wall (2022).

Podemos perceber que Augusto está deitado em um bebê conforto, um mobiliário que não é adequado à prática de alimentação, pois a criança não fica completamente sentada, uma das condições necessárias para perceber o processo de introdução alimentar. Isso também pode dificultar a oferta de alimentos de outras formas, como aqueles em que os bebês podem segurar com as mãos, por conta da sujeira que podem gerar em um ambiente e o acento/móvel que não é próprio para a alimentação.

Sobre isso, Goldschmied e Jackson (2008, p. 103), destacam que:

A questão mais importante nesse momento é cuidar que o papel ativo do bebê, tão evidente quando da alimentação pelo seio ou pela mamadeira, seja estimulado, para que ele tenha contato direto com o alimento, tão logo seja possível, e possa adquirir a habilidade de manipulá-lo com os dedos. Mais tarde, essa energia concentra-se na complexa tarefa de levar a comida do prato até a boca com o auxílio da colher. Antes de ele adquirir essa habilidade, podemos ajudá-lo dando uma colher para ele segurar e sacudir, ao mesmo tempo que oferecemos outra colher já com a comida. Essa é nossa mensagem, que reconhecemos que mais tarde ele por si só manipulará a colher.

As autoras salientam a importância da liberdade e confiança no bebê, observando que, no caso específico de Augusto, tais elementos não puderam ser adequadamente fornecidos devido ao mobiliário inadequado e, possivelmente, ao número de profissionais em sala não ser adequado para as necessidades de uma turma de berçário 1. Na sala de referência de Augusto, por exemplo, apenas duas professoras cuidavam e alimentavam 12 bebês, o que comprometia a capacidade de atender às necessidades individuais de cada um. Em determinadas circunstâncias, os adultos se viram obrigados a adaptar suas atividades diante das demandas dos bebês, como sono e alimentação. Essa situação mostra a urgência de disponibilização de mais profissionais capacitados e de melhoria das condições físicas dos ambientes destinados ao acolhimento dessas crianças na constituição das políticas da Educação Infantil.

Os momentos de sono do bebê são muito importantes, seu desenvolvimento biológico ainda necessita de maior tempo de descanso, por isso devem ser respeitadas as necessidades individuais, afinal, “[...] se a criança costuma dormir em determinado horário, a escola continuará a dar este suporte, sem moldá-la a dormir no horário estipulado pela escola” (Nicolli, 2018, p.54). Dessa maneira, pensar no momento de descanso dos bebês, é considerar que o descansar é mais do que somente dormir, é um momento de relação entre adulto e criança:

Por isso, não há como pensar em acolhimento no momento de descanso das crianças sem pensar nas suas sutilezas, afinal educar se encontra nas minúsculas atitudes e é nessa prática que se evidencia a verdade que carregamos conosco. Acolher no momento do sono significa acima de tudo, respeitar os sujeitos que o vivem (Inácio, 2021, p. 70).

Vale destacar que, como já citado acima, momentos como o de descanso efetivam os direitos de cuidado, proteção e bem-estar da criança, previstos e aprovados nas legislações que amparam as crianças, devendo ser garantido de forma respeitosa (Brasil, 2009a).

Imagem 14: Print de tela do portfólio digital do Augusto: “momento de descanso”.

Momentos de descanso ...

... esses momentos são valiosos, pois são essenciais para o desenvolvimento dos bebês.

Enquanto dormem, os bebês solidificam seus aprendizados. É durante o sono que eles aprendem a falar, engatinhar, pegar as coisas, caminhar, dançar, comer sozinhas e todas as outras tarefas mais complexas que vão adquirindo ao longo do seu desenvolvimento.



Fonte: Josieli Wall (2022).

Cada bebê tem o seu tempo para adormecer, cada um tem a sua forma de dormir, seja no colo como Miguel na imagem 2, ou como Augusto, na imagem 14, que gosta de sentir o aconchego da coberta em seu rosto. Cada um a seu modo é acolhido. Uma forma de se proporcionar esse acolhimento no momento do sono da criança, pode ser conhecido no primeiro contato com a família, perguntando como a criança dorme. Assim, a instituição pode organizar o momento conforme a rotina da criança, pois são nesses pequenos gestos que a criança se sente bem no ambiente coletivo.

A pedagogia do contato é fundamental, bebês que possuem essa relação afetiva e de confiança com seu adulto referência, com toda certeza, conseguem sentir mais liberdade nas suas relações e ações. A sala dos bebês deve ser ninho, aconchego, segurança e paz, no qual volto a destacar, o quanto os bebês são capazes e o quanto um adulto referência é fundamental para um cotidiano vivido.

Imagem 15: Print de tela do portfólio digital da Clara: “Momentos de uma tarde no berçário”.



Fonte: Josieli Wall (2022).

Na imagem acima é notável que, enquanto os colegas de Luiz e Clara estavam dormindo, as relações entre os dois bebês de toque, de olhar, da conversa balbuciando, podem acontecer no cotidiano e o quanto é importante um olhar atento e o respeito aos bebês que estão apenas descobrindo o mundo.

Ao terminar este capítulo, destaca-se a importância de criar ambientes que atendam aos direitos das crianças, incluindo espaços de brincadeiras, de descanso e de alimentação adequados. Esses ambientes devem ser planejados por educadoras e gestoras que entendam a relação entre o educar e cuidar, práticas consideradas indissociáveis como já discutido no capítulo 2, quando as DCNEI foram apresentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acolhimento como método de trabalho, utilizado no cotidiano de uma instituição de Educação Infantil, é sem dúvida uma forma de garantir os direitos das crianças, previstos e aprovados nas legislações brasileiras. A evolução da conquista por esses direitos foi destacada no decorrer do capítulo 2, salientando que as primeiras instituições de Educação Infantil no Brasil, foram criadas sem muitos recursos financeiros, sendo consideradas somente como um local de “guarda”, para que mulheres pudessem ingressar no mercado de trabalho (Craidy e Kaercher, 2003; Kuhlmann Jr., 2000).

No decorrer do século XXI, novas lutas foram travadas a fim de defender os direitos das crianças ao acesso a uma educação pública e de qualidade, já assegurados na Declaração Universal dos Direitos das Crianças (ONU, 1959), mas que ainda não possuía legitimidade ou não eram considerados no Brasil, até 1988. Com a afirmação disto na Constituição Federal, passou-se a considerar as crianças como seres de direitos, com igualdade de acesso e permanência nas instituições de Educação Infantil (Brasil, 1988; Carvalho; Ferreira, 2014).

Mediante tais esforços, novos documentos de lei foram redigidos, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 13 de julho de 1990; a Lei n. 9394/96, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996; e a Resolução CEB n. 1, de 07 de abril de 1999, que delineou a primeira versão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Atualmente revogada pela Resolução CNE/CEB n. 5, de 17 de dezembro de 2009, conforme descrito no capítulo 2 (Brasil, 1990; 1996; 1999; 2009a).

Além disso, tais documentos só podem ser desenvolvidos no cotidiano escolar por meio de lutas, as quais garantem que a Educação pública e de qualidade, reconheça a criança como um sujeito histórico e de direitos, como o conceito do Artigo 4º da Resolução CNE/CEB n. 5/2009 estabelece. Dessa forma, partindo de tais afirmações feitas ao decorrer do capítulo 2, podemos afirmar que ao garantir o direito de brincar, as crianças aprendem. Ao dar espaço, tempo e materiais para as brincadeiras acontecerem, podemos constituir um ambiente respeitoso e acolhedor, por isso, ao estruturar tal capítulo foi possível compreender a importância das lutas sociais para que os direitos das crianças fossem garantidos e

para que elas fossem consideradas seres humanos e capazes de criarem sua própria cultura.

Assim, ao longo de nossa pesquisa documental e bibliográfica, foi possível reconhecer a importância de garantir o direito dos bebês na Educação Infantil. No capítulo 3, buscamos estruturar os princípios e práticas para o acolhimento nesse contexto institucional. Um autor de referência essencial para a elaboração deste trabalho foi Staccioli (2013), pois seu livro “Diário do acolhimento” descreve um olhar atento e ético com as crianças, incentivando uma reflexão sobre uma pedagogia que integre de fato o educar e o cuidar, com conexão com a criança e com respeito à sua centralidade no próprio processo. Acolher as crianças nos seus primeiros dias na instituição é fundamental, mas acolher no cotidiano ao decorrer de todo ano letivo é imprescindivelmente importante.

A partir da análise dos dados, percebemos que o acolhimento começa na organização da sala referência para receber as crianças, o ambiente bem preparado por nós professoras com intencionalidade na nossa prática e que escutamos as necessidades das mesmas é fundamental. A sensação de pertencimento à sala de referência também pode ocorrer no momento em que, nas paredes de nossas salas, estão expostas as produções feitas pelas crianças. O sono também deve ser considerado, no qual devemos respeitar as necessidades de dormir de alguns bebês ou de momentos para realizar uma pausa na rotina agitada do brincar, sem necessariamente dormir, para outros bebês (Staccioli, 2013). Desta forma, sendo destacado no capítulo 3 o quanto o acolhimento acontece e está presente a todo momento da Educação Infantil, tanto no educar quanto no cuidar, em todos os momentos rotineiros que respeitem essa valorização.

Após referenciar, através de pesquisa bibliográfica, o conceito do acolhimento na Educação Infantil, o capítulo 3 buscou revelar práticas acolhedoras que ocorrem no cotidiano da Educação Infantil, por meio de três categorias de análise, construídas com base na ATD: inserção na instituição, o cotidiano como método de trabalho e as necessidades fisiológicas dos bebês. Assim, no subcapítulo 3.1 discutimos a importância do contato, do colo e da criação de relações de afeto entre educadoras e crianças. É possível constatarmos que o respeito aos direitos das crianças, que necessitam de maior tempo ao longo do período de inserção, é fundamental para estabelecermos conexões seguras e saudáveis no cotidiano.

O subcapítulo 3.2 expôs a necessidade de dedicarmos atenção às situações cotidianas e reconhecemos o acolhimento como método de trabalho. Da mesma forma, ao deixarmos os bebês livres em uma sala de referência adequada, estamos acolhendo suas necessidades e suas especificidades, assim como respeitando a importância dessas crianças como centro do processo educativo, como normatizam as DCNEI (Brasil, 2009a; 2009b). Montar contextos investigativos pensando e observando o que os bebês necessitam, como exemplificado nas imagens 9, 10, 11 e 12, revela práticas de acolhimento às descobertas e ao desenvolvimento individual. Isso reforça que o acolhimento na vida cotidiana da creche deve acontecer todos os dias, desde as necessidades biológicas das crianças, assim como destacado no subcapítulo 3.3, até os contextos investigativos montados em sala.

Nessa perspectiva, e considerando o subcapítulo 3.3, referente às necessidades fisiológicas dos bebês, podemos constatar que mesmo nos momentos de alimentação precisamos acolher esses bebês. Por ser muito delicada, a introdução alimentar exige um ambiente próprio e alimentos adequados para realizar tal ação, de forma a acolher as necessidades desses bebês. Algo que na instituição onde Clara, Augusto e Miguel frequentavam não era possível realizar, devido à falta de mobiliários adequados e do número adequado de profissionais por bebê.

Outro ponto de reflexão é o sono, já que alguns levam mais tempo até adormecer, outros não estão com sono naquele momento, devendo ser oportunizado um outro local para que esses bebês sem sono permaneçam. Podem ser detalhes pequenos, mas que, ao vivenciarmos a prática pedagógica, consideramos como momentos que acolhem e respeitam a criança como sujeito de direitos, como momentos que efetuem a relação entre educar e cuidar.

Nessa perspectiva, respondendo ao problema: De que maneira a ação pedagógica com os bebês na Educação Infantil demonstra respeito e acolhimento aos seus direitos? Por meio da pesquisa e estudo desenvolvidos no trabalho, foi possível constatar que o acolhimento é uma ação rotineira cotidiana, pois envolve respeito, afeto, organização do ambiente, elaboração de propostas, atendimento às necessidades fisiológicas, entre outras práticas que instigam e norteiam o desenvolvimento de uma Educação Infantil ética, estética e política (Brasil, 2009a; 2009b).

Logo, a partir das nossas pesquisas bibliográficas e dos documentos estudados, consideramos que o acolhimento é sim a peça-chave para desenvolver o objetivo da Educação Infantil e do processo educativo com os bebês, no cotidiano das instituições de Educação Infantil, pois garante que seus direitos sejam respeitados, conforme estabelecido no Parecer CNE/CEB n. 20/2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, assim como nos momentos cotidianos e nas necessidades individuais, conforme garantido na Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (BNCC/CEI) e nos Critérios para um Atendimento em Creche que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (Campos; Rosemberg, 2009). Além disso, em âmbito municipal, o Documento Orientador do Território Municipal de Erechim para a Educação Infantil, o DOTMEEI, também menciona diversos direitos das crianças, contribuindo para nortear o processo de escrita do nosso trabalho.

Também consideramos oportuno discutir sobre uma dificuldade encontrada no decorrer da escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Pois durante meu percurso acadêmico, me deparei com estudos superficiais referente aos bebês e o seu desenvolvimento, o que demandou uma investigação maior e mais tempo para compreendê-los durante a seguinte pesquisa. Foi somente durante a elaboração do TCC II que pude cursar uma disciplina optativa sobre “Educar e cuidar na creche”, em que afirmei a falta desse aprofundamento teórico ao longo do curso. Essa ausência de estudos sobre os bebês, gerou uma insegurança muito grande ao estar em contato com as crianças, talvez esse seja um motivo que leva tantas acadêmicas a evitarem estágios e práticas pedagógicas em berçários.

Portanto, como solução para tal problema seria necessário fazer uma reformulação do currículo educacional, ou até mesmo repensar as estratégias utilizadas em aulas, que dão uma ênfase muito maior nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Pois já que o curso de Pedagogia seria o único que forma profissionais para atuar com bebês, como continuar deixando esse tema de estudo fora do currículo da formação inicial? Por que a educação dos bebês ainda é tão invisível ao longo dos estudos da Pedagogia?

Quanto à continuidade de nosso estudo, consideramos que essa área ainda é muito abrangente, pois situações de acolhimento em instituições de Educação Infantil estão presentes a todo momento do cotidiano. Além disso, o acolhimento na pré-escola também pode ser pesquisado e destacado, pois cada subetapa da

Educação Infantil é diferente, necessitando de um olhar atento por parte das professoras e dos profissionais que planejam as vivências. Por isso, precisamos afirmar que práticas que acolhem não apenas funcionam, mas também desenvolvem aspectos fundamentais para o respeito aos direitos das crianças.

Assim, consideramos que a seguinte pesquisa contribuiu grandemente para nossa jornada acadêmica e profissional, pois nos possibilitou buscar novas leituras e construir novos conhecimentos referentes à importância do acolhimento. Escrevemos esse TCC com o objetivo de atrair novos olhares à sensibilidade do acolhimento na Educação Infantil, pois quando acolhemos uma criança estamos acolhendo também suas necessidades, trazendo oportunidades de vivenciar o cotidiano sem o medo, sem a pressão ou sem o estresse que questões internas podem causar. Ao analisar as documentações de Augusto, Clara e Miguel, percebemos que a infância é tempo de brincar, tempo de viver, tempo de constituir novas maneiras de ver o mundo, tempo de explorar, e sobretudo, tempo de sentir e de conhecer-se.

Para concluir, gostaríamos de ressaltar a importância de respeitar nossas crianças, seus direitos e suas vozes. É fundamental garantir que a descoberta de um mundo novo não seja uma experiência estressante ou frustrante, marcada por violência simbólica ou física. Ao contrário, a exploração do mundo pode ser uma jornada mágica, repleta de felicidade e afeto, contribuindo para a construção do eu interior das crianças e para a formação de memórias afetivas que as capacitam a acolher o próximo da mesma maneira como foram acolhidas.

Nosso desejo é que o acolhimento seja um método de trabalho (Staccioli, 2013) em cada instituição que cuida e educa bebês!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BONDIOLI, Anna. Os modos de Educar. In: BECCHI, Egle; BONDIOLI, Anna; FERRARI, Monica; GARIBALDI, Antonio. **Ideias orientadoras para a creche: a qualidade negociada**. Trad. Maria de Lourdes Tambaschia Menon. Campinas: Autores Associados, 2012. Coleção Formação de Professores. Série Educação Infantil em Movimento. p. 36-43.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 14 dez. 2023.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, presidência da república, Casa Civil, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 09 dez. 2023.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm> Acesso em: 02 dez. 2023.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 1, de 7 de abril de 1999**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE/CEB, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=159281-rceb001-99-1&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 21 fev. 2024.

_____. Ministério da Educação. Conselho nacional da Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Nacional**. Brasília, 2000. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/pcb04_2000-diretrizes_operacionais-ed-infantil.pdf>. Acesso em: 01 out. 2023.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer n. 20/2009, de 11 de novembro de 2009**. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE/CEB, 2009a. Disponível em: <portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf> Acesso em: 17 mar. 2024.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução n. 05/2009, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE/CEB, 2009b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 17 mar. 2024.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Indicadores de qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/indic_qualit_educ_infantil.pdf> Acesso em: 26 fev. 2024.

_____. **Parecer nº 07/2010, de 11 de novembro de 2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 17 mar. 2024.

_____. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Brasília: P residência da república, Secretaria-Geral, 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm> Acesso em: 21 abr. 2024.

_____. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB/CONSED, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 02. dez. 2023.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Promoção da Saúde – Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia_da_crianca_2019.pdf> Acesso em: 29 mar. 2024.

CAMPOS, Maria Malta. ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6. ed. Brasília : MEC, SEB, 2009.

CARVALHO, Carlos Henrique de; FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Solto. Educação infantil no período militar: nuances políticas de sua implantação na Escola Estadual

João Pinheiro (Ituiutaba, MG, 1964 a 1985). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 14, n. 56, p. 202–219, 2014. DOI: 10.20396/rho.v14i56.8640444. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640444>> Acesso em: 17 mar. 2024.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (org.). **Educação Infantil: pra que te quero**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 164 p.

FÁVERO, Altair Alberto. CENTENARO, Junior Bufon. A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites. **Contrapontos**, Florianópolis, v.19, n.1, p. 170-184, jan. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/13579>> Acesso em: 18 fev. 2024.

FERRARI, Monica. Condições para a educação. In: BECCHI, E.; BONDIOLI, A.; FERRARI, M.; GARIBALDI, A. **Ideias orientadoras para a creche: a qualidade negociada**. Campinas: Autores Associados, 2012. Trad. Maria de Lourdes Tambaschia Menon. Coleção Formação de Professores. Série Educação Infantil em Movimento. p. 44-53.

FRANCO, Merilis Aparecida. **A sensibilização sobre o acolhimento: uma proposta interventiva com a criação de rapsódias do cotidiano infantil**. 2021. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais, Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2021. Cap. 7. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/NOVE_b7d8845666061b57861bcb0714b0bd38>. Acesso em: 18 jan. 2024

GATTI, Bernadete Angelina. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S. l.], v. 28, n. 1, 2012. DOI: 10.21573/vol28n12012.36066. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/36066>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. Bebês em creches. In: GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

INÁCIO, Sandrieli. **Observar, sensibilizar e significar na creche: diário de uma pedagoga sobre acolhimento**. 2021. 103 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Educação, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2021.

LAPINSKI, Cristiane Salete. **O desenvolvimento dos bebês e crianças bem pequenas: olhares sobre abordagem Pikler**. 2022. 103 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2022. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/5521/1/LAPINSKI.pdf>> Acesso em: 07 abr. 2024.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS FILHO, Altino José; MARTINS, Ana Claudia Ferreira. Os bebês, as professoras e um modo de viver a vida na creche. In: MARTINS FILHO, Altino José (org.). **Educar na Creche**: uma prática construída com os bebês e para os bebês. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 23-36.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**: processo reconstrutivo de múltiplas faces. Ijuí: Unijuí, 2006.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 2, n. 5, p. 154-164, 18 jan. 2024. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8646/2/42.Estado%20do%20Conhecimento....pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

NICOLLI, Deoclécia Francisca da Silva. **O acolhimento na creche**: estratégias para pensar a pedagogia dos começos. 2018. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2018. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2595/1/NICOLLI.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2024.

NORNBERG, Marta. Pedagogia do contato com os bebês: pele e mão em encontros de cuidado e educação. In: MARTINS FILHO, Altino José (org.). **Educar na Creche**: uma prática construída com os bebês e para os bebês. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 83-98.

ONU. Constituição (1959). **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. UNICEF, 1959. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2023.

PHILLIPS, Bernard S. **Pesquisa social**. Rio de Janeiro, Agir, 1974.

PRADO, Patrícia Dias. Culturas infantis e experiências estéticas: entre corpos grandes e bem pequenos. In: MARTINS FILHO, Altino José (org.). **Educar na Creche**: uma prática construída com os bebês e para os bebês. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 99-115.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ERECHIM. **Documento Orientador do Território Municipal de Erechim – RS**. Erechim: Secretaria Municipal de Educação, , 2021. Disponível em: <<https://www.pmerechim.rs.gov.br/pagina/1570/resolucao-n-592019-e-o-dotme>>. Acesso em 07 de dez. 2023

REDIN, Marita Martins; GOMES, Marta Quintanilha; FOCHI, Paulo Sergio. **Infância e Educação Infantil**. São Leopoldo: Unisinos, 2013. 72 p.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil**. v. 1. Secretaria de estado da Educação: Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://h-curriculo.educacao.rs.gov.br/Sobre/Index>> Acesso em: 21 abr. 2024.

RODA DE EXPOSTOS. São Paulo: Folha de São Paulo, 02 fev. 2006. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/artigos/roda-dos-expostos>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SANTOS, Maria Carolina Marques dos; SANTOS, Mayara Pérola Maciel dos; LYRA, Pompéia Villachan. **As contribuições da abordagem Pikler para educação de crianças de 0 a 3 anos: uma revisão da literatura**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.9, sep. 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA9_ID2616_03102019141725.pdf> Acesso em: 02 maio 2024.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. **Revista da Puc**, Rio de Janeiro, p. 15-30, 2009. Disponível em: <<https://www2.fct.unesp.br/simposios/sociologiainfancia/T1%20Sociologia%20da%20Inf%20E2ncia%20Correntes%20e%20Conflu%EAncias.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SOUZA, Flávia Burdzinski de. “Eu vejo o futuro repetir o passado” **A natureza da Política Nacional de Alfabetização (PNA/2019-2020)** para as crianças da Educação Infantil brasileira. Passo Fundo: UPF, 2023. Disponível em: <<http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/2516/2/2023FlaviaBurdzinskideSouza.pdf>> Acesso em: 28 fev. 2024.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do Acolhimento na Escola da Infância**. Tradução (do italiano) Fernanda Ortale e Ilse Paschoal Moreira. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

VARGAS, Gardia. A prática educativa em creches: o que fazem os bebês? In: MARTINS FILHO, Altino José. **Educar na Creche: uma prática construída com os bebês e para os bebês**. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 99-115.

VARGAS, Gardia; SOUZA, Flávia Burdzinski de; LOSS, Adriana Salete. O trabalho pedagógico com os bebês e as crianças bem pequenas: uma pedagogia dos detalhes e da atenção acolhedora. In: LOSS, Adriana Salete; SOUZA, Flávia Burdzinski de; VARGAS, Gardia. **Formação em Educação Infantil: aprendendo com as crianças sobre a docência na(s) infância(s)**. Curitiba: Crv, 2019. p. 75-105.

VILLAPOUCA, Karin Calazans. **Bordados e avessos no acolhimento institucional de bebês: um olhar Pikleriano** / Karin Calazans Villapouca. Brasília, 2019. 60f. Orientadora, Regina Lucia Sucupira Pedroza. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: <<https://1library.org/document/zln0kxoq-bordados-avessos-no-acolhimento-institucional-bebes-olhar-pikleriano.html/>> Acesso em: 02 dez. 2023.

KUHLMANN Jr., Moysés. **Histórias da educação infantil brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2000.

APÊNDICES

1 - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO



CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA USO DE IMAGEM E NOME

O seguinte termo de consentimento informado tem por objetivo solicitar aos responsáveis legais a autorização para uso das imagens e nomes das crianças do berçário I, da Escola de Educação Infantil xxxxxxxxxxxx, nos quais será utilizado a documentação pedagógica (portfólio digital) do ano de 2022, produzido pela professora xxxxxxxx, para destacar as ações cotidianas de acolhimento na escola a serem usadas no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), pela acadêmica Pricila Cervinski.

Eu _____ (nome do responsável), inscrito/a sob o CPF ou RG de número _____, responsável legal pela criança _____ (nome da criança), autorizo a utilização das imagens (fotografias) do(a) meu(minha) filho(a), que irão compor a pesquisa referente ao tema Acolhimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), pela acadêmica Pricila Cervinski, bem como, a possível publicação e divulgação científica do trabalho.

Assinatura do Responsável: _____

E-mail ou telefone do responsável: _____

Erechim, __ de outubro de 2023

Para maiores esclarecimentos, entrar em contato com a pesquisadora:

Pricila Cervinski

E-mail: cervinskipri@gmail.com



CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA USO DE IMAGEM, NOME E TEXTO

O seguinte termo de consentimento informado tem por objetivo solicitar a professora xxxxxxxxxxxx, a utilização da documentação pedagógica (portfólio digital) da turma de berçário I do ano de 2022, produzido por ela mesma, com o objetivo de destacar ações cotidianas de acolhimento, para utilização no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), pela acadêmica Pricila Cervinski.

Eu _____, inscrito/a sob o CPF ou RG de número _____, autorizo a utilização das imagens (fotografias) e textos produzidas por mim, que irão compor a pesquisa referente ao tema Acolhimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) pela acadêmica Pricila Cervinski, bem como, a possível publicação e divulgação científica do trabalho.

Assinatura do Responsável: _____

E-mail ou telefone do responsável: _____

Erechim, __ de outubro de 2023

Para maiores esclarecimentos, entrar em contato com a pesquisadora:

Pricila Cervinski

E-mail: cervinskipri@gmail.com